



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE ALAGOAS
PROGRAMA ASSOCIADO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FONOAUDIOLOGIA

EDICLEIDE MARTINS DA SILVA

**FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL
NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

João Pessoa

2024

EDICLEIDE MARTINS DA SILVA

**FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL
NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Fonoaudiologia UFPB/UFRN/UNCISAL, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Fonoaudiologia.

Área de concentração: Aspectos funcionais e reabilitação em Fonoaudiologia.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e reabilitação da audição e linguagem

Orientador (a): Profa. Dra. Luciana Figueiredo de Oliveira

João Pessoa

2024

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586f Silva, Edicleide Martins da.

Fatores que influenciam o desenvolvimento da
linguagem oral na primeira infância / Edicleide Martins
da Silva. - João Pessoa, 2024.

56 f. : il.

Orientação: Luciana Figueiredo de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCS.

1. Aquisição da linguagem. 2. Desenvolvimento da
linguagem - Transtornos. 3. Desenvolvimento da
linguagem - Fatores de risco. 4. Linguagem - Crianças.
I. Oliveira, Luciana Figueiredo de. II. Título.

UFPB/BC

CDU 81'232(043)

EDICLEIDE MARTINS DA SILVA

**FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL
NA PRIMEIRA INFÂNCIA**

Dissertação apresentada ao Programa Associado de Pós-Graduação em Fonoaudiologia UFPB/UFRN/UNCISAL, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Fonoaudiologia.

Área de concentração: Aspectos funcionais e reabilitação em Fonoaudiologia.

Linha de pesquisa: Desenvolvimento e reabilitação da audição e linguagem

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Luciana Figueiredo de Oliveira
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Profa. Dra. Isabelle Cahino Delgado - Examinadora Interna
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Profa. Dra. Janaína von Söhsten Trigueiro - Examinadora Externa
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA - UFPB

Dedico este trabalho à minha mãe, Maria da Guia Martins da Silva (In Memoriam), pelo amor, torcida e orgulho incondicional – mãe, estarás para sempre em minha memória e em meu coração. À minha filha, Maria Luiza da Silva Martins, pela torcida genuína desde o início e por ser o amor da minha vida. E ao meu pai, Francisco Rodrigues da Silva, que sempre se orgulhou da minha trajetória.

AGRADECIMENTOS

Ao concluir esta dissertação, olho para trás com um coração cheio de gratidão e uma mente repleta de reflexões. Este trabalho não representa apenas a dedicação acadêmica, mas também uma jornada pessoal rica em aprendizados e experiências transformadoras.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por me dar força, sabedoria e resiliência para superar cada desafio que encontrei pelo caminho – e não foram poucos. Sua presença em minha vida é uma fonte constante de inspiração e esperança.

Aos meus pais, Maria da Guia Martins da Silva (In Memoriam) e Francisco Rodrigues da Silva, meu eterno agradecimento pelo amor incondicional, pela torcida e orgulho que sempre tiveram por mim. Minha mãe, um mês antes da conquista deste título você partiu e como foi difícil seguir em frente sem sua presença física. Obrigada por tudo, mãe. Amo-te infinitamente.

Ao amor da(s) minha(s) vida(s), Maria Luiza da Silva Martins, minha filha amada, que me dava forças mesmo sem perceber, que torceu, chorou e sorriu junto comigo, que esteve ao meu lado em cada passo desta caminhada. Seu apoio, amor e compreensão foram essenciais para que eu mantivesse a motivação e a fé em momentos de dificuldade. Obrigada por ser minha âncora e minha inspiração. Tudo é por e para você. Amo-te!

À minha orientadora, Luciana Figueiredo de Oliveira, meu profundo agradecimento pela paciência, pelas valiosas orientações e pelo apoio incondicional, principalmente na reta final da dissertação. Sua sabedoria, empatia e acolhimento foram fundamentais para a realização deste trabalho e para o meu crescimento acadêmico e pessoal. Jamais esquecerei. Muito obrigada!

Minha sincera gratidão à banca examinadora, Isabelle Cahino e Janaína von Söhsten, muito obrigada pelas contribuições, sugestões e análise cuidadosa desta dissertação. A atenção e o conhecimento de cada uma de vocês enriqueceram significativamente este trabalho, e sou profundamente grata por essa oportunidade de aprendizado.

Aos meus amigos e colegas de curso, que compartilharam comigo não apenas o esforço acadêmico, mas também momentos de alegria, desafios e vitórias. Em especial, agradeço a Maria Louize, Pâmela Pontes e Paula Rayana pela amizade,

pelas horas de estudo em grupo, pelo suporte emocional, pelas viagens, vinhos e perrengues.

Aos professores e funcionários da Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal do Rio Grande do Norte e da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas, que contribuíram para a minha formação de maneira tão significativa. Cada aula, cada conversa e cada interação neste ambiente acadêmico contribuíram para moldar quem sou hoje.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, fizeram parte desta jornada, em especial a Débora Wanderley, Milena Souza e Hosana Silmara, que me ajudaram na coleta de dados, meu sincero agradecimento. Esta dissertação é fruto de um esforço coletivo, e sou imensamente grata a cada um de vocês que acreditaram e investiram no meu potencial.

Finalizo com uma frase de Paulo Freire, que reflete a essência desta jornada e a importância do conhecimento em nossas vidas: "Não é no silêncio que os homens se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão."

“Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.”

(Eclesiaste 3:1)

RESUMO

Introdução: O desenvolvimento da linguagem oral na primeira infância é um processo multifacetado e essencial para a formação das habilidades cognitivas, sociais e emocionais que perduram ao longo da vida, porém, determinados fatores de riscos podem implicar na aquisição e no desenvolvimento dessa habilidade.

Objetivos: O Artigo 1 objetivou investigar a prevalência da queixa de linguagem oral das crianças matriculados em Centros Municipais de Educação Infantil - CMEI de uma capital nordestina, buscando compreender os fatores que podem influenciar esse cenário enquanto o Artigo 2 objetivou mapear os fatores não-biológicos que influenciam o desenvolvimento da linguagem oral.

Método: O primeiro artigo trata-se de uma pesquisa transversal, exploratória, descritiva e de campo, de abordagem quali- quantitativa. A pesquisa foi realizada nos Centros Municipais de Educação Infantil - CMEI, situados no município de João Pessoa – PB, no período de abril/2023 a dezembro/2023, após aprovação do Comitê de Ética sob o parecer nº 6.018.552. Participaram 140 responsáveis de crianças com faixa etária entre um ano e meio a três anos de idade matriculadas nos CMEI. O segundo artigo consiste em uma revisão da literatura realizada conforme as diretrizes do Joanna Briggs Institute (JBI) e redigida de acordo com as recomendações do Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis - extensão para revisões de escopo (PRISMA-ScR).

Resultados: Os resultados do primeiro artigo descreveram que 43% dos participantes apresentam algum tipo de queixa de linguagem, sendo atraso na fala (80%) a queixa mais mencionada e, a maior parte dessa amostra (53%) apresenta antecedentes familiares com alterações nessa habilidade. Os resultados do segundo artigo demonstraram que os fatores de risco, como a vulnerabilidade social, ambientes de baixa renda, baixo nível de escolaridade dos pais podem comprometer o desenvolvimento linguístico.

Conclusão: Conclui-se que há uma prevalência significativa de queixas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem oral em pré- escolares e que os aspectos não-biológicos demarcam influências na aquisição e no desenvolvimento dessa habilidade.

Palavras-chave: Desenvolvimento da linguagem; Aquisição da linguagem; Transtornos do desenvolvimento da linguagem; Fatores de risco; Criança.

ABSTRACT

Introduction: Oral language development in early childhood is a multifaceted process essential for the formation of cognitive, social, and emotional skills that last throughout life. However, certain risk factors can affect the acquisition and development of this ability. **Objectives:** Article 1 aimed to investigate the prevalence of oral language complaints among children enrolled in Municipal Early Childhood Education Centers (CMEI) in a northeastern capital, seeking to understand the factors that may influence this scenario. Article 2 aimed to map the non-biological factors that influence oral language development. **Method:** The first article is a cross-sectional, exploratory, descriptive, and field study with a qualitative-quantitative approach. The research was conducted at CMEIs in João Pessoa, PB, from April 2023 to December 2023, after approval by the Ethics Committee under opinion no. 6.018.552. A total of 140 guardians of children aged between one and a half to three years enrolled in CMEIs participated. The second article is a scoping review conducted according to the Joanna Briggs Institute (JBI) guidelines and written following the Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis - extension for scoping reviews (PRISMA- ScR) recommendations. **Results:** The first article reported that 43% of participants had some type of language complaint, with speech delay (80%) being the most mentioned, and the majority of this sample (53%) had a family history of difficulties in this area. The second article demonstrated that risk factors such as social vulnerability, low-income environments, and low parental education levels can impair language development. **Conclusion:** It is concluded that there is a significant prevalence of complaints related to oral language development in preschoolers and that non-biological aspects influence the acquisition and development of this ability. **Keywords:** Language development; Language acquisition; Developmental language disorders; Risk factors; Child.

LISTA DE TABELAS

ARTIGO 1 –PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E PREVALÊNCIA DE QUEIXAS DA LINGUAGEM ORAL EM PRÉ-ESCOLARES

Tabela 1 –	Frequência e percentagem da queixa da linguagem oral, em uma amostra de 140 participantes	24
Tabela 2 –	Frequência e percentagem da Classe Social das famílias que apresentam queixa de linguagem	24
Tabela 3 –	Frequência e percentagem do nível de escolaridade dos responsáveis das crianças que apresentam queixa de linguagem	24
Tabela 4 –	Frequência e percentagem da jornada de trabalho dos responsáveis das crianças que apresentam queixa de linguagem	25

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ARTIGO 2 – A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS NÃO-BIOLÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL: REFLEXÕES PARA O FAZER FONOAUDIOLÓGICO

Fluxograma 1 –	Fluxograma das fases de seleção dos estudos	39
Quadro 1 –	Caracterização dos artigos selecionados segundo os descritores	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
DS	Distrito Sanitário
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	15
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1	INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	17
2.2	FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL	18
3	ARTIGO 1 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E PREVALÊNCIA DE QUEIXAS DA LINGUAGEM ORAL EM PRÉ-ESCOLARES	21
4	ARTIGO 2 – A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS NÃO-BIOLÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL: REFLEXÕES PARA O FAZER FONOAUDIOLÓGICO	37
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
6	IMPACTO SOCIAL	51
	REFERÊNCIAS	52
	ANEXO A – NORMAS PARA AUTORES DA REVISTA CEFAC	55
	ANEXO B – NORMAS PARA AUTORES DA REVISTA CEFAC	56

1 APRESENTAÇÃO

A aquisição e o desenvolvimento da linguagem infantil é um processo multifacetado e que é modulado pelas interações sociais estabelecidas nos primeiros anos de vida.

O contexto social, econômico e cultural desempenham um papel fundamental na construção de habilidades substanciais para o desenvolvimento das potencialidades comunicativas. Postula-se que a linguagem está diretamente ligada ao contexto social, histórico e ideológico no qual o sujeito se insere (Bakhtin, 2003). Essa concepção, em sentidos gerais, reflete a teoria de Vygotsky (2000), que vê o desenvolvimento como um processo continuamente influenciado pelas mudanças que ocorrem através da interação social.

Destarte, para que a criança adquira outras habilidades e se integre socialmente, é essencial que o desenvolvimento da linguagem oral ocorra plenamente (Sheridan e Gjems, 2017). No entanto, alguns fatores são considerados condições ou variáveis de risco que estão associadas a uma maior probabilidade de surgirem comprometimentos no processo aquisitivo e de desenvolvimento da linguagem oral infantil (Oliveira; Correa; Maximino, 2023).

O reconhecimento de fatores de risco que comprometem o desenvolvimento da linguagem oral em contextos claramente predeterminados, como os contextos biológicos ligados à prematuridade ou à questões audiológicas, por exemplo, é um tema frequentemente explorado na literatura, no entanto, os contextos sociais, econômicos e culturais não tem sido abordados em profundidade.

O conhecimento mais aprofundado acerca desses riscos, que são pouco analisados, favorece aos profissionais da saúde, educadores e outros envolvidos no cuidado infantil, subsídios para implementação de estratégias de promoção e prevenção, além de encaminhamentos adequados, que pode incluir uma avaliação mais detalhada, programas de intervenção precoce, suporte às famílias em situação de vulnerabilidade e ações para promover um ambiente enriquecedor em termos de linguagem, em todos os ambientes em que a criança está introduzida, além disso, facilita a orientação da família, ajudando-a a oferecer um suporte mais eficaz para o desenvolvimento da criança. (Oliveira; Correa; Maximino, 2023).

A partir dessa premissa e considerando as influências dos fatores ambientais

no processo de aquisição e desenvolvimento da linguagem oral, surgiu as questões norteadoras desta pesquisa: Quais os fatores que influenciam o desenvolvimento da linguagem oral em pré-escolares? Qual é o perfil epidemiológico e a prevalência de crianças com queixas de linguagem oral matriculadas nos CMEI e quais os fatores podem estar relacionados com essas queixas? Nesse ínterim, a hipótese levantada sugere que influências ambientais, como os fatores sociais, econômicos e culturais, apresentam uma correlação significativa entre o aumento das queixas e dificuldades no desenvolvimento da linguagem oral.

A presente pesquisa resultou em dois artigos científicos, sendo que o Artigo 1 objetivou investigar a prevalência da queixa de linguagem oral das crianças matriculados em Centros Municipais de Educação Infantil - CMEI de uma capital nordestina, buscando compreender os fatores que podem influenciar esse cenário e, porquanto que o Artigo 2 objetivou mapear os fatores não-biológicos que influenciam o desenvolvimento da linguagem oral. Este estudo buscará colaborar com a produção científica acerca do tema, que ainda é escasso, buscando estimular novas pesquisas que considerem as influências ambientais e, não apenas as influências individuais e biológicas. Além de nos mostrar um panorama a nível local, sobre as alterações de linguagem oral na primeira infância. Esses dados nos permitiram pensar em ações e práticas de cuidado que possam minimizar os efeitos negativos de eventuais alterações nessa habilidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 INFLUÊNCIAS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

Desde os primeiros anos de vida a criança se comunica com as pessoas do seu meio, essa interação possibilita o desenvolvimento da linguagem, bem como, favorece a maturação de todas as suas funções psíquicas superiores (Vygotski, 2007). É por meio do ato de se comunicar que a criança pode desenvolver e aprimorar suas capacidades, habilidades, aptidões e, até mesmo, a sua personalidade.

O desenvolvimento da linguagem oral na infância é ratificado como sendo crucial para que a criança se desenvolva e socialize (Sheridan; Gjems, 2017). O estímulo ambiental é fundamental para enriquecer o vocabulário expressivo na infância. Dessa forma, a exposição à linguagem nos primeiros anos de vida irá influenciar na extensão do vocabulário oral das crianças, além de ser um propulsor para aquisição de novas habilidades, como a leitura e escrita (Moretti; Kuroishi; Mandrá, 2017). A extensão do vocabulário oral aos 24 meses pode ser um indicador importante do desenvolvimento cognitivo e linguístico da criança, especialmente no desempenho acadêmico na área da leitura e da matemática, na idade pré-escolar (Leite, et al., 2018).

As primeiras influências comunicativas ocorrem no ambiente familiar, sendo este o principal responsável pelo provimento de estímulos linguísticos adequados (Nobre, et al., 2020). O âmbito escolar também demanda grande influência no desenvolvimento da linguagem por fornecer um espaço social e interativo, que proporciona a exposição de recursos sociolinguísticos (Brançalioni, et al., 2018). Desta maneira, quanto mais ricas forem as oportunidades de diálogo com as crianças, maiores serão as possibilidades de complexificação da linguagem oral e do pensamento infantil (Bissoli, 2014).

O processo de desenvolvimento da linguagem oral acontece de forma subjetiva e se forma a partir de interações no meio social, dentro de uma perspectiva que pondera o aspecto social e discursivo (Massi; Santana, 2011). Nessa perspectiva, o intercâmbio social viabiliza o desenvolvimento da linguagem e todas as etapas que se sucedem.

Portanto, percebemos que o desenvolvimento da linguagem oral é um processo complexo que reflete não apenas as potencialidades intrínsecas do sujeito, mas

também as perturbações e influências das interações sociais nas quais tais habilidades são construídas. Essa dinâmica ressalta a importância fundamental do papel do outro na aquisição e no desenvolvimento da linguagem oral.

2.2 FATORES QUE INFLUENCIAM O DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL

É indiscutível a relevância da linguagem para o pleno desenvolvimento dos infantes, uma vez que alterações na aquisição e desenvolvimento desta habilidade podem acarretar prejuízos sociais e acadêmicos para os sujeitos. Uma pesquisa realizada no Brasil, na zona oeste de São Paulo, identificou que os distúrbios de linguagem oral tinham prevalência de 15% nas crianças (Longo et al, 2017). Outro estudo mais recente na mesma região, verificou a prevalência de 12,47% de alterações de linguagem na primeira infância (Dias; Molini-Avejonas; Rondon, 2020).

A aquisição e desenvolvimento da linguagem são marcados pela inter-relação entre os fatores genéticos, ambientais e sociais (Guerim, 2020). A primeira infância é o período de maior influência sobre a aquisição e desenvolvimento linguístico dos sujeitos, bem como o estágio de maior plasticidade neural e de maior vulnerabilidade frente aos fatores de risco ou protetivos, os quais irão nortear as capacidades linguísticas dos sujeitos.

Existem alguns fatores de risco e de proteção que implicam no desenvolvimento da linguagem, conhecidos como fatores estáticos e dinâmicos. Foi realizada uma pesquisa integrativa onde os autores elencaram os fatores estáticos e dinâmicos, sendo o primeiro relacionado aos fatores biológicos, ambientais e sociais, os quais envolvem uma série de eventos, como: prematuridade, baixo peso ao nascer, otites de repetição, lesões cerebrais, baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade dos responsáveis e conviver com quatro ou mais crianças na mesma casa. Por outro lado, os fatores dinâmicos estão estritamente relacionados ao contexto e dinâmica familiar (Bettio; Bazon; Schmidt, 2019).

Nesse sentido, há diversos fatores de risco para atraso na linguagem que são apontados pela literatura, desde fatores psicológicos, biológicos e cognitivos, até fatores ambientais e psicossociais - socioeconômicos e familiares (Bettio; Bazon; Schmidt, 2019; Panes et al., 2018). Outros estudos corroboram com essa narrativa,

os quais sugerem que o processo de aquisição da linguagem infantil é fortemente influenciado pelas competências da criança, as quais envolvem os aspectos biológicos, cognitivos e subjetivos (Oliveira; Ramos-Souza, 2014 ; Nazario et al. 2019).

No que se refere aos fatores estáticos, ou seja, os fatores biológicos, ambientais e sociais, os mais associados ao atraso de linguagem são o gênero masculino, baixo nível educacional dos pais e a longa jornada de trabalho do genitor (Korpilahti; Kaljonen; Jansson-Verkasalo 2016). Quanto aos fatores dinâmicos, àqueles relacionados ao contexto e dinâmica familiar, parte-se do pressuposto de que o primeiro contato com as experiências comunicativas se dá no ambiente familiar, sendo esta esfera a maior responsável pelo provimento de estímulos adequados para o pleno desenvolvimento das crianças (Nobel et al., 2020).

Destacando-se o tipo de gênero, um estudo demonstrou que 68,3% dos distúrbios de comunicação eram mais evidentes no gênero masculino (Longo et al., 2017). Essa disparidade pode ser justificada pela presença de um breve pico hormonal denominado “mini puberdade” presente no gênero feminino, que têm influência no comportamento linguístico (Wermke; Quast; Hesse, 2018). Ou ainda, às influências socioculturais que ofertam estímulos diferentes por gênero, sendo o gênero masculino direcionados aos estímulos mais agitados, que aprimoram à área motora ampla, enquanto o gênero feminino é incentivado à atividades mais polidas, que conferem maior estímulos às áreas motoras finas e de linguagem (Raffaini, 2018).

De acordo com a literatura, os níveis escolares baixos são preditores de escores cognitivos e linguísticos baixos, sendo o nível de escolaridade materno o que apresenta maior relevância no desempenho acadêmico infantil, porquanto que o nível de escolaridade dos pais possui maior influência na juventude (González, et al.,2020).

Outro estudo demonstrou que cerca de 90% das crianças, cujos responsáveis desempenham atividades laborativas sem vínculos empregatícios, apresentaram desfecho linguístico questionável, uma vez que o trabalho informal aumenta a possibilidade de instabilidade econômica e esta realidade pode afetar o desenvolvimento linguístico (Souza et al., 2023 Apud Short; Eadie; Kemp, 2019).

Outro ponto capaz de delinear o desenvolvimento da linguagem oral são as condições socioeconômicas e socioculturais em que as crianças estão inseridas. A vulnerabilidade social é entendida como uma junção de fatores que afetam o nível de bem-estar das pessoas, famílias ou comunidades e que resulta em uma exposição

maior ao risco (Carmo; Guizard, 2018). Neste sentido, a vulnerabilidade social e as iniquidades sociais demarcam influências no desenvolvimento infantil. Por outro lado, o aumento do grau de escolaridade dos pais, a boa saúde mental da mãe e o nível socioeconômico mais alto, configuram variáveis que mitigam as queixas de atraso de linguagem na primeira infância (Short et al.; 2017; Zerbeto et al., 2014; Gurgel et al., 2014).

Isto posto, é essencial a disseminação de conhecimentos consistentes que abarque os fatores de risco sobre a aquisição e desenvolvimento típico da linguagem, para que o olhar não seja apenas voltado à identificação de problemas de ordem orgânica ou técnicos, mas sim a diversos outros fatores que podem influenciar no processo de aquisição e desenvolvimento desta competência.

3 ARTIGO 1 – PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E PREVALÊNCIA DE QUEIXAS DA LINGUAGEM ORAL EM PRÉ-ESCOLARES

O artigo buscou investigar a prevalência da queixa de linguagem oral das crianças matriculados em CMEI de uma capital nordestina, buscando compreender os fatores que podem influenciar esse cenário. Além disso, traçar o perfil epidemiológico e socioeconômico deste público, explorando variáveis como idade, gênero, renda, grau de escolaridade dos responsáveis, histórico familiar e ambiental, que podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento linguístico infantil. A escolha da revista CEFAC reflete a importância de compartilhar esses resultados com a sociedade em uma revista de grande impacto.

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E PREVALÊNCIA DE QUEIXAS DA LINGUAGEM ORAL EM PRÉ-ESCOLARES

EPIDEMIOLOGICAL PROFILE AND PREVALENCE OF ORAL LANGUAGE COMPLAINTS IN PRESCHOOL CHILDREN

RESUMO

Objetivos: investigar a prevalência da queixa de linguagem no desenvolvimento da linguagem oral de crianças matriculadas nos Centros Municipais de Educação Infantil - CMEI e traçar os fatores que influenciam esse cenário. **Métodos:** Trata-se de uma pesquisa transversal e descritiva, de abordagem quantitativa. A pesquisa foi realizada nos CMEI do município de João Pessoa – PB, entre abril – dezembro/2023, após aprovação do Comitê de Ética sob o parecer nº 6.018.552. Participaram 140 responsáveis de crianças com faixa etária entre um ano e meio a três anos de idade matriculadas no CMEI. **Resultados:** Participaram desta pesquisa os responsáveis de 57 (41%) crianças do gênero feminino e 83 (59%) do gênero masculino, com média de ± 3 anos de idade. Um total de 43% dos participantes apresentou algum tipo de queixa de linguagem, sendo atraso na fala (80%) a queixa mais mencionada. A maior parte da amostra (53%) apresenta antecedentes familiares com alterações nessa habilidade e o gênero masculino detém o maior percentual de queixas (62%). **Conclusão:** Conclui-se que há uma prevalência significativa de queixas relacionadas ao desenvolvimento da linguagem oral e uma relação com o histórico familiar e o gênero masculino com as queixas mencionadas.

Descritores: Perfil Epidemiológico, Desenvolvimento da Linguagem, Criança.

ABSTRACT

Objectives: To investigate the prevalence of language complaints in the oral language development of children enrolled in Municipal Early Childhood Education Centers (CMEIs) and to identify the factors influencing this scenario. **Methods:** This is a cross-sectional, descriptive study with a qualitative-quantitative approach. The

research was conducted in CMEIs in the municipality of João Pessoa, PB, between April and December 2023, following approval from the Ethics Committee under protocol no. 6.018.552. A total of 140 guardians of children aged between one and a half to three years, enrolled in CMEIs, participated in the study. **Results:** The study included guardians of 57 (41%) female and 83 (59%) male children, with an average age of ± 3 years. A total of 43% of participants reported some type of language complaint, with speech delay (80%) being the most frequently mentioned issue. The majority of the sample (53%) had a family history of language-related difficulties, and male children had the highest percentage of complaints (62%). **Conclusion:** There is a significant prevalence of complaints related to the development of oral language, with a notable association with family history and a higher occurrence among male children. **Keywords:** Epidemiological Profile, Language Development, Child.

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da linguagem oral em crianças é um processo complexo e fundamental para a construção de habilidades cognitivas, sociais e emocionais ao longo da vida, bem como para sua própria constituição enquanto sujeito¹. Desde a primeiríssima infância, as crianças estabelecem interações que são responsáveis não apenas por impulsionar o desenvolvimento da linguagem, mas também propiciam a maturação de todas as funções psíquicas superiores².

Nesse íterim, tanto fatores internos quanto externos exercem influência no desenvolvimento da linguagem oral. Estes fatores incluem as condições biológicas específicas de cada sujeito, o ambiente familiar e escolar, as interações sociais vivenciadas, assim como os níveis socioeconômicos e o acesso a recursos culturais e ambientes favoráveis ao desenvolvimento da linguagem oral³. Esses elementos combinados desempenham um papel significativo na formação e aprimoramento dessa competência linguística⁴.

Outro ponto capaz de delinear o desenvolvimento linguístico infantil são as condições socioeconômicas e socioculturais em que elas estão inseridas. A vulnerabilidade social é entendida como uma junção de fatores que afetam o nível de bem-estar das pessoas, famílias ou comunidades e que resulta em uma exposição maior ao risco⁵. Neste sentido, a vulnerabilidade e as iniquidades sociais demarcam influências no desenvolvimento infantil. Considerando isso, crianças em situação de vulnerabilidade social podem enfrentar uma exposição mais acentuada a esses fatores de risco, o que as torna potencialmente mais propensas a experimentar atrasos no desenvolvimento da linguagem.

Nesse contexto, a presente pesquisa buscou considerar a intersecção entre vulnerabilidade social e alterações na linguagem oral em crianças. A influência dos fatores socioeconômicos no desenvolvimento da linguagem é comprovada por diversos estudos. No entanto, é possível constatar que as mesmas têm sido realizadas prioritariamente em países desenvolvidos⁶⁻¹⁵. No Brasil, a única pesquisa a respeito do tema foi realizada no Rio Grande do Sul, em 2006, o que enfatiza a importância da realização de estudos em outras regiões do país, em especial no Nordeste Brasileiro, região historicamente marcada pela desigualdade social¹⁶.

Diante disto, o presente trabalho tem como objetivo investigar a prevalência da queixa de linguagem oral das crianças matriculadas em Centros Municipais de

Educação Infantil - CMEI de uma capital nordestina, buscando compreender os fatores que podem influenciar esse cenário. Além disso, traçar o perfil epidemiológico e socioeconômico deste público, explorando variáveis como idade, gênero, renda, grau de escolaridade dos responsáveis, histórico familiar e ambiental, que podem desempenhar um papel significativo no desenvolvimento linguístico infantil.

MÉTODO

A presente pesquisa foi qualificada quanto aos objetivos como exploratória, descritiva e de campo. Já no que diz respeito aos procedimentos de coleta, foi considerada uma pesquisa transversal. E, no tocante à abordagem, tratou-se de uma pesquisa quantitativa.

A pesquisa foi realizada em CMEI, localizados no município de João Pessoa –PB, no período de abril/2023 a dezembro/2023. A coleta dos dados foi iniciada após a aprovação do projeto de pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, sendo realizada apenas após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), assim como preconizado pela Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde, sob o registro CAAE nº 67574723.1.0000.5188 com o parecer nº 6.018.552.

Participaram desta pesquisa responsáveis por crianças na faixa etária entre 1 ano e 6 meses a 3 anos de idade, matriculadas em CMEI do município. As instituições nas quais se procedeu a coleta dos dados fazem parte do território do Distrito Sanitário (DS) que contempla o maior número de bairros do município, sendo o terceiro DS mais populoso do mesmo, e no qual se concentram as áreas com piores condições socioeconômicas.

Para coleta de dados foram marcadas reuniões previamente agendadas com os responsáveis de crianças, em parceria com o gestor do CMEI. Inicialmente, foi realizada uma roda de conversa abordando sobre os principais marcos do desenvolvimento da linguagem oral seguida da explicação dos objetivos da pesquisa. Posteriormente, um questionário contendo questões objetivas e subjetivas que abarcam informações gerais dos responsáveis e das crianças, além de dados socioeconômicos e epidemiológicos, elaborado especificamente para este estudo foi aplicado com aqueles que aceitaram participar (ANEXO I). Desta forma, a amostra foi composta por 14 responsáveis por crianças na faixa etária entre um ano e seis meses a três anos de idade que estavam regularmente matriculadas nos CMEI, no município de João Pessoa/PB. Os dados foram analisados descritivamente.

RESULTADOS

Caracterização da amostra

Participaram desta pesquisa os responsáveis de 57 (41%) crianças do gênero feminino e 83 (59%) do gênero masculino, com média de ± 3 anos de idade ($dp = 0,39$). Deste total, 60 (43%) apresentaram queixas de linguagem, sendo 23 (38%) crianças do gênero feminino e 37 (62%) crianças do gênero masculino, com média de ± 3 anos de idade ($dp = 0,39$).

Tabela 1: Frequência e percentagem da queixa da linguagem oral, em uma amostra de 140 participantes

Característica	Frequência	Percentual %
Queixa de linguagem	60	43
Sem queixas	80	57
Total	140	100

Dentre as queixas de linguagem mencionadas pelos responsáveis destaca-se o atraso de linguagem, referido por 48 (80%) participantes, seguido de trocas na fala citado por 9 pessoas (15%). Do total de crianças que apresentam queixas de linguagem, 32 (53%) possuem antecedentes familiares e 28 (47%) não possuem histórico familiar de queixa de linguagem. O grau de parentesco mais associado às queixas de linguagem, foram: pai 10 (33%), mãe 7 (22%), irmãos 5 (15%), primos 5 (15%), avós 3 (9%) e tios 2 (6%). As queixas de linguagem mais frequentes nos familiares, foram: atraso de linguagem 19 (59%), trocas na fala 11 (35%) e gagueira 2 (6%).

Das 60 crianças que apresentam queixas de linguagem, 38 (65%) não apresentam queixas comportamentais associadas, e das 22 (35%) que referiram apresentar associação entre as queixas de linguagem e comportamentais, 12 relataram (55%) hiperatividade, 6 (27%) referiram que as crianças são muito quietas, 3 (14%) indicam que as crianças ficam irritadas quando contrariadas, e 1 (4%) apresenta apego a objetos.

Da amostra de crianças que possuem queixas de linguagem, 32 (58%) convivem com irmãos. Acerca de quem fica com a criança a maior parte do tempo, tivemos as seguintes respostas: 56 (97%) ficam com a mãe, seguidos de 18 (30%) ficam com o pai, 19 (32%) com os avôs, 5 (8%) com os irmãos e 3 (5%) com os tios.

Nesta pesquisa também foram analisados os aspectos referentes à classe social, grau de escolaridade e jornada de trabalho dos responsáveis, conformes dispostos nas tabelas 2, 3 e 4.

Tabela 2: Frequência e percentagem da Classe Social das famílias que apresentam queixa de linguagem

Característica	Frequência	Percentual %
Classe Social B2	16	26
Classe Social C1	15	25
Classe Social C2	19	32
Classe Social D	10	17
Total	60	100

Tabela 3: Frequência e percentagem do nível de escolaridade dos responsáveis das crianças que apresentam queixa de linguagem.

Característica Nível de escolaridade	Frequência Mãe	Percentual %	Frequência Pai	Percentual %
Sem instrução	0	0	1	2
Fundamental incompleto	6	10	10	17
Fundamental completo	4	7	5	8
Médio incompleto	8	13	4	7
Médio completo	14	23	17	28
Curso técnico incompleto	3	5	0	0
Curso técnico completo	7	12	4	7
Superior incompleto	4	7	5	8
Superior completo	7	12	9	15
Pós-graduação	6	10	3	5
Não informou	1	2	2	3
Total	60	100	60	100

Tabela 4: Frequência e percentagem da jornada de trabalho dos responsáveis das crianças que apresentam queixa de linguagem.

Característica Jornada de Trabalho	Frequência Mãe	Percentual %	Frequência Pai	Percentual %
20h semanais	5	8	2	3
30h semanais	14	23	12	20
40h semanais	16	27	26	43
Finais de semana	3	5	1	2
Autônomo*	5	8	4	7
Não informou	17	28	15	25
Total	60	100	60	100

*Carga horária variável/não especificada

DISCUSSÃO

Estima-se que cerca de 10% das crianças apresentam algum tipo de alteração na linguagem, sendo que a prevalência de distúrbios específicos da linguagem em crianças em idade pré-escolar chega a 7%¹⁷. Outro estudo realizado durante uma campanha de vacinação contra a poliomielite em unidades básicas de saúde da zona oeste de São Paulo, Brasil, com crianças de 0 a 5 anos, verificou a prevalência de 12,47% de alterações de linguagem na primeira infância¹⁸.

Os dados epidemiológicos confirmam que alterações no desenvolvimento da linguagem é uma questão de saúde pública, estudos com crianças de 4 a 5 anos no Reino Unido, Austrália, Canadá e Alemanha estimaram a prevalência de qualquer transtorno da linguagem oral, seja aqueles que ocorrem como transtorno primário ou aqueles que são

secundários a uma condição médica ou diagnóstico, entre 6,6% e 20,6%^{19,22}. Para crianças de 7 a 11 anos na Austrália e Alemanha, a prevalência foi de 3,4% a 18,9%^{14,20,23}.

Como podemos observar na *Tabela 1*, 43% (n=140) dos participantes da pesquisa apresentaram algum tipo de queixa de linguagem na primeira infância, a média de idade dos participantes foi de ± 3 anos de idade (dp = 0,39). A incidência das queixas apresentou-se em maior prevalência no gênero masculino, com cerca de 62% (n=60). Alguns estudos²⁴⁻²⁶ referem que o gênero masculino está susceptível a maiores riscos na área da linguagem e comunicação, quando comparados ao gênero feminino. Outro estudo destacou que cerca de 68,3% dos distúrbios de comunicação foram mais evidentes no gênero masculino²⁷.

Destacando o tipo de gênero, podemos explicar essa disparidade através do viés biológico, o qual é esclarecido pela presença de um breve período hormonal conhecido como "mini puberdade", presente no gênero feminino e, que exerce influência sobre o comportamento linguístico, logo, a ausência deste evento no gênero masculino, pode elucidar essa discrepância entre os gêneros²⁸. Além disso, as influências socioculturais podem proporcionar estímulos diferenciados conforme o gênero: os estímulos direcionados aos meninos tendem a ser mais voltados para atividades agitadas, promovendo o desenvolvimento da coordenação motora ampla, enquanto as meninas são incentivadas a participar de atividades mais delicadas, que favorecem o desenvolvimento das habilidades motoras finas e da linguagem²⁹.

O atraso de linguagem foi a queixa mencionada por 80% (n=60) dos participantes e um total de 53% dessa amostra apresentaram antecedentes familiares com alterações nessa habilidade. Assim como evidenciado em estudos anteriores^{26,30-32}, onde os antecedentes fisiopatológicos influenciam na ocorrência de alterações fonoaudiológicas nas gerações futuras, podendo até triplicar as chances do atraso de linguagem nas crianças quando há um risco familiar presente.

Além dos aspectos biológicos, o contexto familiar pode ser um preditor do desenvolvimento infantil. O contexto familiar analisado nesta pesquisa, demonstrou que 97% ficam a maior parte do tempo com as mães e somente 30% contam com a presença paterna. Estudos apontam que a figura paterna³³⁻³⁴ apresenta uma importância significativa no desenvolvimento infantil. Isso acontece porque o fortalecimento de vínculos entre pais e filhos ocorre durante a participação ativa destes na dinâmica familiar, diminuindo a sobrecarga materna e criando um ambiente mais harmonioso e cooperativo. Por outro lado, quando o pai é ausente esse vínculo é enfraquecido e o suporte às mães se torna um fator de risco para condições econômicas vulneráveis.

Algumas pesquisas apontam^{12,35} que elementos como renda familiar, ocupação dos pais e níveis de escolaridade como variáveis que podem impactar positiva ou negativamente o desenvolvimento infantil. Os níveis educacionais mais baixos são indicativos de desempenho cognitivo e linguístico aquém do esperado, sendo o nível de escolaridade materna como o mais relevante para o desempenho acadêmico das crianças, enquanto o nível de escolaridade dos pais exerce uma influência maior na adolescência. Outra pesquisa revelou que cerca de 90% das crianças cujos responsáveis possuem ocupações informais apresentam resultados questionáveis no desenvolvimento

linguístico, pois o trabalho informal aumenta a probabilidade de instabilidade financeira, o que pode afetar negativamente o desenvolvimento linguístico das crianças³⁶⁻³⁷.

A classe social é uma variável que não pode ser avaliada isoladamente, embora seja uma variante relacionada aos recursos físicos e materiais que a família pode proporcionar às crianças, é essencial considerar outros elementos que também podem impactar no desenvolvimento da linguagem infantil, como o ambiente em que vive, as interações comunicativas que experiencia e o estilo de comunicação dos pais³.

Nas *Tabelas 2, 3 e 4*, podemos observar as classes sociais, o nível de escolaridade e a jornada de trabalho dos participantes, sendo possível constatar que os resultados estão equilibrados. Uma possível explicação para esse resultado pode estar na homogeneidade da amostra, que pode ter limitado a análise das influências das características socioeconômicas e acadêmicas sobre os aspectos da linguagem.

A partir dos dados obtidos no presente estudo, foi possível primeiramente, reafirmar a influência de fatores biológicos no desenvolvimento da linguagem, o que já é consenso em estudos realizados em diferentes regiões do Brasil, e até mesmo em nível mundial. Além disso, foi possível constatar a influência de fatores socioeconômicos e culturais para o desenvolvimento da linguagem em crianças pequenas. Tal constatação, principalmente no que se refere aos aspectos econômicos, também segue na linha do que já tem sido discutido na literatura nacional e mundial. No entanto, a influência dos fatores socioculturais, aqui destacada, abre portas para reflexões mais aprofundadas.

Primeiramente, é preciso analisar que, via de regra, os fatores socioculturais têm uma relação direta com os econômicos. Sob este prisma, convém lembrar que a redução da desigualdade social é uma pauta também da saúde pública, já que demarca influências nítidas nas mesmas. Além disso, os dados chamam a atenção para a necessidade de se olhar, de maneira mais cautelosa e aprofundada para a influência de fatores não-biológicos no desenvolvimento da linguagem [e] das crianças. Nas pesquisas fonoaudiológicas, e aqui chama-se atenção para aquelas que tomam a linguagem como objeto de estudo, tem sido predominante a análise de questões orgânicas inerentes aos sujeitos em detrimento dos aspectos não biológicos.

Frequentemente, tem-se observado a objetificação da linguagem em pesquisas que, mesmo quando consideram fatores socioeconômicos e culturais, o tem feito no sentido de comparar padrões linguísticos considerados alterados com os ideais. Assim, a natureza subjetiva da linguagem tem ficado em segundo plano e sua função enquanto atividade constitutiva dos sujeitos acaba se perdendo. Mais que isso, as práticas de linguagem acabam se centrando apenas nos aspectos biológicos, e desconsiderando todos os outros fatores que exercem influência sobre ela.

Assim, os dados aqui discutidos, mais que reforçar e legitimar afirmações já postas no campo da linguagem e do desenvolvimento, devem ser observados como construtos que revelam a necessidade de ampliação das concepções e práticas realizadas com e pela linguagem. Assim, talvez a maior contribuição deste estudo esteja em demarcar tal necessidade, fazendo com que fonoaudiólogos, profissionais diretamente implicados no desenvolvimento

da linguagem considerem, de maneira crítica e aprofundada, a influência de fatores sociais e culturais em suas práticas.

Não obstante, chama-se atenção que a queixa de linguagem é uma realidade entre crianças em idade pré-escolar, o que, mais uma vez, abre espaço para a discussão a respeito de uma atuação deste com vistas à promoção de saúde em instituições de ensino infantil. O contexto tem sido considerado de forma recorrente em pesquisas fonoaudiológicas, sendo que grande parte delas voltados ao diagnóstico e/ou avaliação dos distúrbios da comunicação.

Como já indicado em estudo anterior³⁸, considera-se que que atuação nestes moldes, acaba por restringir possibilidades de mudanças de concepções e atuação. Assim, repensar a respeito do fazer fonoaudiológico em parceria com Instituições de ensino infantil, pode permitir o avanço desta área, ampliação das possibilidades de atuação e melhora na eficácia das ações propostas por esse profissional.

Para isto, as instituições de ensino devem ser consideradas locais condicionados a contradições sociais, constitutivas dos diferentes projetos de sociedade em curso em nosso país, e por isso palco para a geração de registros. Isso pressupõe o reconhecimento de articulações estabelecidas entre as diferentes áreas, como os campos da Educação e da Saúde e as formas de organização materiais e subjetivas de nossa sociedade.

CONCLUSÃO

Com base nos dados coletados, podemos concluir que uma porcentagem significativa dos participantes desta pesquisa apresentou queixas relacionadas à linguagem, sendo o atraso de linguagem a alteração mais evidenciada. Além disso, a presença de antecedentes familiares relacionados com o mesmo problema foi identificada em 53% dos casos. Uma observação importante é a disparidade de gênero, com uma prevalência maior de queixas de linguagem entre os participantes do gênero masculino em comparação com os do gênero feminino.

A homogeneidade da amostra limitou a análise das influências das características socioeconômicas e acadêmicas sobre os aspectos da linguagem, sendo fundamental aumentar o tamanho da amostra, considerando a estratificação em diversas classes sociais e acadêmicas, a fim de validar a influência dessas variáveis no desenvolvimento linguístico infantil.

REFERÊNCIAS

1. Bissoli M de F. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. *Psicol Estud* [Internet]. 2014Oct;19(4):587–97. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-73722163602>
2. Vigotsky LS. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. *Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais*. 2007
3. Moretti TC da F, Kuroishi RCS, Mandrá PP. Vocabulário de pré-escolares com desenvolvimento típico de linguagem e variáveis socioeducacionais. *CoDAS* [Internet]. 2017;29(1):e20160098. Available from: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20172016098>
4. Gurgel LG, Vidor DCGM, Joly MCRA, Reppold CT. Risk factors for proper oral language development in children: a systematic literature review. *CoDAS* [Internet]. 2014Sep;26(5):350–6. Available from: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20142014070>
5. Carmo ME do, Guizardi FL. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2018;34(3):e00101417. Available from: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00101417>
6. Hammer CS, Tomblin JB, Zhang X, Weiss AL. Relationship between parenting behaviours and specific language impairment in children. *Int J Lang Commun Disord*. 2001 Apr-Jun;36(2):185-205. Available from: <https://doi.org/10.1080/13682820010019919>.
7. Crunelle D, Normand M-T, Delfosse M-J. Oral and written language production in premature children: results in 7 1/2-year-old. *Folia Phoniatr Logop*. 2003;55(3):115-27. Available from: <https://doi.org/10.1159/000070723>
8. Horwitz SM, Irwin JR, Briggs-Gowan MJ, Bosson Heenan JM, Mendoza J, Carter AS. Language delay in a community cohort of young children. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2003 Aug;42(8):932-40. Available from: <https://doi.org/10.1097/01.CHI.0000046889.27264.5E>.
9. Sylvestre A, Mérette C. Language delay in severely neglected children: a cumulative or specific effect of risk factors? *Child Abuse Negl*. 2010 Jun;34(6):414-28. Epub 2010 Apr 22. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.10.003>.
10. Reilly S, Wake M, Ukoumunne OC, Bavin E, Prior M, Cini E, Conway L, Eadie P, Bretherton L. Predicting language outcomes at 4 years of age: findings from Early Language in Victoria Study. *Pediatrics*. 2010 Dec;126(6):e1530-7. Available from: <https://doi.org/10.1542/peds.2010-0254>.
11. Christensen D, Zubrick SR, Lawrence D, Mitrou F, Taylor CL. Risk factors for low receptive vocabulary abilities in the preschool and early school years in the longitudinal study of Australian children. *PLoS One*. 2014 Jul

- 2;9(7):e101476. Available from: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0101476>.
12. Korpilahti P, Kaljonen A, Jansson-Verkasalo E. Identification of biological and environmental risk factors for language delay: The Let's Talk STEPS study. *Infant Behav Dev.* 2016 Feb;42:27-35. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2015.08.008>.
 13. Hammer CS, Morgan P, Farkas G, Hillemeier M, Bitetti D, Maczuga S. Late Talkers: A Population-Based Study of Risk Factors and School Readiness Consequences. *J Speech Lang Hear Res.* 2017 Mar 1;60(3):607-626. Available from: https://doi.org/10.1044/2016_JSLHR-L-15-0417.
 14. McKean C, Wraith D, Eadie P, Cook F, Mensah F, Reilly S. Subgroups in language trajectories from 4 to 11 years: the nature and predictors of stable, improving and decreasing language trajectory groups. *J Child Psychol Psychiatry.* 2017 Oct;58(10):1081-1091. Available from: https://doi.org/10.1044/2016_JSLHR-L-15-04170.1111/jcpp.12790.
 15. Armstrong R, Scott JG, Whitehouse AJO, Copland DA, McMahon KL, Arnott W. Late talkers and later language outcomes: Predicting the different language trajectories. *Int J Speech Lang Pathol.* 2017 Jun;19(3):237-250. Available from: <https://doi.org/10.1080/17549507.2017.1296191>.
 16. Schirmer CR, Portuguese MW, Nunes ML. Clinical assessment of language development in children at age 3 years that were born preterm. *Arq Neuro-Psiquiatr* [Internet]. 2006 Dec;64(4):926-31. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X2006000600007>.
 17. American Speech-Language-Hearing Association. *Speech-Language Pathology Medical Review Guidelines* [Internet]. Rockville, MD: American Speech-Language-Hearing Association. 2011. [acessado em 02 de abril de 2024]. Disponível em: <http://www.asha.org/practice/reimbursement/SLP-medical-review-guidelines/>
 18. Dias DC, Rondon-Melo S, Molini-Avejonas DR. Sensitivity and specificity of a low-cost screening protocol for identifying children at risk for language disorders. *Clinics* [Internet]. 2020;75:e1426. Available from: <https://doi.org/10.6061/clinics/2020/e1426>.
 19. Beitchman JH, Nair R, Clegg M, Patel PG. Prevalence of Speech and Language Disorders in 5-Year-Old Kindergarten Children in the Ottawa-Carleton Region. *Journal of Speech and Hearing Disorders*, 1986. 51(2), 98. Available from: <https://doi.org/10.1044/jshd.5102.98>
 20. Weindrich D, Jennen-Steinmetz C, Laucht M, Esser G, Schmidt MH. Epidemiology and prognosis of specific disorders of language and scholastic skills. *Eur Child Adolesc Psychiatry.* 2000 Sep;9(3):186-94. Available from: <https://doi.org/10.1007/s007870070042>.
 21. Reilly S, Wake M, Ukoumunne OC, Bavin E, Prior M, Cini E, Bretherton L. Predicting Language Outcomes at 4 Years of Age: Findings From

- Early Language in Victoria Study. PEDIATRICS, 2010. 126(6), e1530–e1537. Available from: <https://doi.org/10.1542/peds.2010-0254>.
22. Norbury CF, Gooch D, Wray C, Baird, G, Charman T, Simonoff E, Pickles A. The impact of nonverbal ability on prevalence and clinical presentation of language disorder: evidence from a population study. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 57(11), 1247–1257. Available from: <https://doi.org/10.1111/jcpp.12573>.
 23. Eadie P, Bavin EL, Bretherton L, Cook F, Gold L, Mensah F, Wake M, Reilly S. Predictors in Infancy for Language and Academic Outcomes at 11 Years. *Pediatrics*. 2021 Feb;147(2):e20201712. Available from: <https://doi.org/10.1542/peds.2020-1712>.
 24. Araujo LB, Mélo TR, Israel VL. Low birth weight, family income and paternal absence as risk factors in neuropsychomotor development. *J Hum Growth Dev.*, 2017;27(3):272-80 Available from: <https://doi.org/10.7322/jhgd.124072>.
 25. Prates LP Costa Spyer, Martins VO. Distúrbios da fala e da linguagem na infância / Speech and language disorders in childhood. *Rev Méd Minas Gerais*. 2011 Oct-Dec;21(4-S1):54-60. tab. Available from: LILACS ID: lil-729281. Biblioteca responsável: BR21.1.
 26. Bettio CDB, Bazon MR, Schmidt A. FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO PARA ATRASOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM. *Psicol Estud [Internet]*. 2019;24:e41889. Available from: <https://doi.org/10.4025/1807-0329e41889>.
 27. Longo IA, Tupinelli GG, Hermógenes C, Ferreira LV, Molini-Avejonas DR. Prevalência de alterações fonoaudiológicas na infância na região oeste de São Paulo. *CoDAS [Internet]*. 2017;29(6):e20160036. Available from: <https://doi.org/10.1590/2317-1782/20172016036>
 28. Wermke K, Quast A, Hesse V. From melody to words: The role of sex hormones in early language development. *Horm Behav*. 2018 Aug;104:206-215. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.yhbeh.2018.03.008>.
 29. Raffaini PT. As meninas são de pano e os meninos são de chumbo? Cultura material e literatura. *Secuencia*. 2018; n.spe:177-87. Available from: <https://doi.org/10.18234/secuencia.v0i0.1665>.
 30. Oliveira LD, Flores MR, Souza APR de. Fatores de risco psíquico ao desenvolvimento infantil: implicações para a fonoaudiologia. *Rev CEFAC [Internet]*. 2012Mar;14(2):333–42. Available from: <https://doi.org/10.1590/S1516-18462011005000054>.
 31. Zambrana IM, Pons F, Eadie P, Ystrom E. Trajectories of language delay from age 3 to 5: persistence, recovery and late onset. *Int J Lang Commun Disord*. 2014 May-Jun;49(3):304-16. Available from: <https://doi.org/10.1111/1460-6984.12073>.
 32. Collisson BA, Graham SA, Preston JL, Rose MS, McDonald S, Tough S. Risk and Protective Factors for Late Talking: An Epidemiologic Investigation.

- J Pediatr. 2016 May;172:168-174.e1. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2016.02.020>.
33. Manfroi EC, Macarini SM, Vieira ML. Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil. *J Hum Growth Dev.* 2011;21(1):48-54. ISSN 0104-1282. *Rev Bras Cresc Desenvol Hum.* 2011;21(1): São Paulo.
 34. Andrade RS, Trapp EHH. As consequências da ausência paterna na vida emocional dos filhos. *Rev Ciência Contemp.* 2017;2(1):45-53. Available from: http://uniesp.edu.br/sites/guaratingueta/revista.php?id_revista=31.
 35. González L, Cortés-Sancho R, Murcia M, Ballester F, Rebagliato M, Rodríguez-Bernal CL. The role of parental social class, education and unemployment on child cognitive development. *Gac Sanit.* 2020 Jan-Feb;34(1):51-60. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.gaceta.2018.07.014>.
 36. Souza AF da S, Leandro G da S, Costa EF, Caldas IFR. Child language development and the influence of socioeconomic and sociocultural factors. *RSD*[Internet]. 2023 Jun.15 [cited 2024 Aug.19];12(6):e14412641456. Available from: <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/view/41456>.
 37. Short K, Eadie P, Kemp L. Paths to language development in at risk children: a qualitative comparative analysis (QCA). *BMC Pediatr.* 2019 Apr 5;19(1):94. Available from: <https://doi.org/10.1186/s12887-019-1449-z>.
 38. Oliveira LF de, Lima ILB, Lucena BTL de, Nascimento BL do, Filgueira LL, Mendes LEC, et al. Educational institutions as a field for speech-language-hearing research: an analysis of publications in Brazilian journals. *Rev CEFAC* [Internet]. 2020;22(3):e16719. Available from: <https://doi.org/10.1590/1982-0216/202022316719>

8.2. Jornada de trabalho

- 0 [] 20h semanais
3 [] finais de semana
1 [] 30h semanais
4 [] outro: _____
2 [] 40h semanais

9. Qual a renda mensal do núcleo familiar? (valor do salário mínimo vigente em 2023 – R\$ 1.320,00)

- 0 [] Nenhuma;
1 [] Até 0,5 salário-mínimo;
2 [] de 0,5 até 1 salário-mínimo;
3 [] de 1 a 1,5 salários-mínimos;
4 [] de 1,5 a 2 salários-mínimos;
5 [] de 2 a 5 salários-mínimos;
6 [] acima de 5 salários-mínimos
7 [] benefício social governamental, qual?
valor atual R\$: _____

10. Quantidade de pessoas que vivem da renda mensal familiar declarada: _____

11. Passa transporte público próximo a sua residência: 0 [] sim; 1 [] não.

12. Possui veículo próprio:

- 0 [] não possui;
1 [] moto;
2 [] carro;
3 [] outro: _____

13. Quantos aparelhos de TV têm em sua casa: _____

14. Quantos aparelhos celulares têm em sua casa: _____

15. Quantos computadores têm em sua casa: _____

16. Condições de moradia da família

16.1 A casa que sua família reside é:

- 0 [] emprestada ou cedida;
1 [] própria em financiamento;
2 [] própria já quitada;
3 [] alugada

16.2 Tem energia elétrica:

- 0 [] sim; 1 [] não

16.3 Como ocorre o abastecimento de água:

- 0 [] poço ou nascente;
1 [] empresa de tratamento e abastecimento de água;
2 [] outros: _____

16.4 Tem esgotamento sanitário (o esgoto do domicílio é ligado à rede coletora e à estação de tratamento de uma empresa de esgotamento)?

- 0 [] sim; 1 [] não

16.5 Em caso negativo, informe para onde é direcionado o esgoto:

- 0 [] fossa;
1 [] rio/lago/mar;
2 [] vala;
3 [] outros: _____

16.6 Tem coleta de lixo? 0 [] sim; 1 [] não.

16.7 Em caso negativo, informe como é descartado o lixo:

- 0 [] queimado;
1 [] enterrado;
2 [] jogado em terreno baldio
3 [] outros: _____

INFORMAÇÕES GERAIS DA CRIANÇA

1. **Data de nascimento:** ____/____/____ **Idade:** _____
2. **Sexo:** 0 [] feminino; 1 [] masculino
3. **Houve alguma complicação durante a gestação:** 0 [] sim; 1 [] não
3.1 Se a resposta for sim, qual? _____
4. **O parto aconteceu com quantas semanas?** _____
5. **O parto foi?** 0 [] normal; 1 [] cesário
6. **Houve alguma complicação durante o parto:** 0 [] sim; 1 [] não
6.1 Se a resposta for sim, qual a complicação? _____
7. **Qual foi o apgar do bebê?** _____
8. **Qual o peso ao nascer?** _____
9. **Realizou teste da linguinha?** 0 [] sim; 1 [] não
9.1 Se a resposta for sim, o resultado estava: 0 [] normal 1 [] alterado
9.2 Se o resultado estava alterado, qual alteração: _____
10. **Realizou teste da orelhinha?** 0 [] sim; 1 [] não
10.1 Se a resposta for sim, o resultado estava: 0 [] normal 1 [] alterado
10.2 Se o resultado estava alterado, qual alteração: _____
11. **Realizou teste do pezinho?** 0 [] sim; 1 [] não
11.1 Se a resposta for sim, o resultado estava: 0 [] normal 1 [] alterado
11.2 Se o resultado estava alterado, qual alteração: _____
12. **A criança foi amamentada em seio materno?** 0 [] sim; 1 [] não
12.1 Se a resposta for sim, por quantos meses: _____
13. **A criança fez/faz uso de mamadeira?** 0 [] sim; 1 [] não
13.1 Se a resposta for sim, por quanto tempo: _____
14. **A criança fez/faz uso de chupeta?** 0 [] sim; 1 [] não
14.1 Se a resposta for sim, por quanto tempo: _____
15. **A criança tem/teve o hábito de sucção digital (chupar dedo)?** 0 [] sim; 1 [] não
15.1 Se a resposta for sim, por quanto tempo: _____
16. **Sobre o desenvolvimento motor, a criança engatinhou?** 0 [] sim; 1 [] não
16.1 Com que idade? _____
17. **Sobre o desenvolvimento motor, a criança andou?** 0 [] sim; 1 [] não
17.1 Com que idade? _____
18. **A criança possui irmãos?** 0 [] sim; 1 [] não
18.1 Se a resposta for sim, quantos? _____
19. **Convive com crianças em casa?** 0 [] sim; 1 [] não
19.1 Se a resposta for sim, qual a idade das crianças? _____
20. **A criança interage/se relaciona bem com outras crianças?**
0 [] nunca 3 [] muitas vezes
1 [] raramente 4 [] sempre
2 [] às vezes
21. **A criança dorme bem?**
0 [] nunca 3 [] muitas vezes

1 [] raramente 4 [] sempre
2 [] às vezes

22. Possui queixa referente ao comportamento da criança? 0 [] sim 1 [] não

22.1 Se a resposta for sim, qual a queixa? _____

23. Possui queixa referente à linguagem da criança? 0 [] sim 1 [] não

23.1 Se a resposta for sim, qual a queixa? _____

24. Alguém da família teve/tem queixas de linguagem? 0 [] sim; 1 [] não

24.1 Se a resposta for sim, qual queixa? _____

24.2 Qual grau de parentesco de quem teve/tem queixa? _____

25. Em sua opinião, a criança tem dificuldade de compreender/entender o que lhe é dito? 0 [] sim; 1 [] não

25.1 Se a resposta for sim, qual a frequência que acontece?

0 [] nunca 3 [] muitas vezes
1 [] raramente 4 [] sempre
2 [] às vezes

26. Já recebeu alguma orientação sobre o desenvolvimento da linguagem da criança?

0 [] sim; 1 [] não

26.1 Se a resposta for sim, qual profissional orientou?

0 [] fonoaudiólogo; 2 [] professor;
1 [] pediatra; 3 [] outro: _____

27. A criança possui algum diagnóstico? 0 [] sim; 1 [] não

27.1 Se a resposta for sim, qual? _____

27.2 Qual profissional deu o diagnóstico? _____

27.3 Qual a idade a criança tinha quando recebeu o diagnóstico? _____

28. A criança faz uso de medicamento de uso contínuo/controlado?

0 [] sim; 1 [] não

28.1 Se a resposta for sim, qual? _____

29. A criança já frequentou alguma terapia especializada? 0 [] sim; 1 [] não

29.1 Se a resposta for sim, qual terapia/serviço especializado frequentou? _____

4 ARTIGO 2 – A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS NÃO-BIOLÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL: REFLEXÕES PARA O FAZER FONOAUDIOLÓGICO

O artigo buscou mapear os aspectos não-biológicos que influenciam o desenvolvimento da linguagem oral. A escolha da revista CEFAC reflete a importância de compartilhar esses resultados com a sociedade em uma revista de grande impacto.

A INFLUÊNCIA DOS ASPECTOS NÃO-BIOLÓGICOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ORAL: REFLEXÕES PARA O FAZER FONOAUDIOLÓGICO

THE INFLUENCE OF NON-BIOLOGICAL ASPECTS ON ORAL LANGUAGE DEVELOPMENT: REFLECTIONS FOR SPEECH-LANGUAGE PATHOLOGY PRACTICE

RESUMO

Objetivos: mapear os aspectos não-biológicos que influenciam o desenvolvimento da linguagem oral. **Métodos:** Trata-se de uma revisão de literatura conduzida segundo as diretrizes do Joanna Briggs Institute (JBI) e realizada nos repositórios SCOPUS, LILACS, PubMed/Medline, Web of Science e Scielo. Foram selecionados e analisados materiais bibliográficos que apresentaram na discussão os fatores associados ao desenvolvimento da linguagem oral em crianças. **Resultados:** O ambiente e o contexto familiar, o nível socioeconômico desfavorável e o baixo nível de escolaridade dos pais são considerados potenciais preditores de dificuldades no desenvolvimento da linguagem oral. **Conclusão:** A falta de pesquisas sobre os fatores não-biológicos que afetam o desenvolvimento da linguagem infantil evidencia uma importante lacuna na compreensão abrangente dessas influências na aquisição e no desenvolvimento da linguagem oral.

Descritores: Fatores de risco, Desenvolvimento da linguagem, Crianças, Fonoaudiologia

ABSTRACT

Objectives: To map the non-biological aspects that influence oral language development. **Methods:** This is a scoping review conducted according to the Joanna Briggs Institute (JBI) guidelines and carried out in the SCOPUS, LILACS, PubMed/Medline, Web of Science, and Scielo databases. Bibliographic materials discussing factors associated with oral language development in children were selected and analyzed. **Results:** The family environment and context, unfavorable

socioeconomic status, and low parental education levels are considered potential predictors of difficulties in oral language development. **Conclusion:** The lack of research on non-biological factors affecting children's language development highlights a significant gap in the comprehensive understanding of these influences on the acquisition and development of oral language.

Keywords: Risk factors, Language development, Children, Speech-language pathology

INTRODUÇÃO

A importância da linguagem para o desenvolvimento do sujeito é consenso entre diversos autores e abordada em pesquisas com diferentes abordagens teóricas. Na área fonoaudiológica, estudos que se dedicam a discutir os fatores relacionados ao desenvolvimento da linguagem parecem unânimes em considerar fatores biológicos como prematuridade, baixo peso ao nascer, otites de repetição, lesões cerebrais como fatores de risco neste processo¹⁻⁴.

Como resultado, são comuns avaliações e/ou intervenções em linguagem que se detêm exclusivamente a tais aspectos. No que se refere aos processos avaliativos, comumente, estes têm por principal objetivo apontar as falhas e faltas do sujeito, quantificando-as sempre que possível, e conseqüentemente, objetificando a linguagem. Assim, as avaliações tradicionais não têm deixado espaço para que os sujeitos expressem suas capacidades e potencialidades, nem permitido uma visão mais aprofundada da queixa.

Nesse contexto, os círculos sociais em que os sujeitos estão inseridos, quando abordados, o são geralmente de forma superficial. No entanto, entende-se que as questões relacionadas ao desenvolvimento da linguagem, para além de fatores individuais e biológicos, devem ser analisadas a partir de uma visão que considere também os aspectos sociais, econômicos e culturais nos quais o sujeito está inserido.

A partir de uma perspectiva sócio-histórica^{5,6} a linguagem deixa de ser entendida como um objeto pronto e acabado, e passa a ser compreendida uma atividade, por meio da qual o sujeito se constitui e é constituído⁷. Sua aquisição, portanto, só é possível a partir de situações efetivas em que ocorre o trabalho conjunto entre interlocutores, tornando o "outro" imprescindível no processo e enfatizando o papel das possibilidades de interação que são ofertadas ao sujeitos nesse processo.

O entendimento aprofundado dos fatores não biológicos que influenciam no desenvolvimento da linguagem se torna essencial para subsidiar o planejamento e execução de ações que ultrapassem e complementem a atuação fonoaudiológica tradicional, tanto em contexto clínico como educacional. Diante de tais considerações, esta revisão integrativa da literatura objetiva mapear os fatores não-biológicos que influenciam o desenvolvimento da linguagem oral.

MÉTODO

O presente estudo corresponde a uma revisão integrativa da literatura, conduzida de acordo com as diretrizes do *Joanna Briggs Institute Reviewer's Manual* (JBI)⁸ e a checklist adaptada do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses* (PRISMA- ScR)⁹. O procedimento de seleção, exclusão e inclusão

dos artigos desta revisão é descrito detalhadamente no fluxograma apresentado na Figura 1, em anexo.

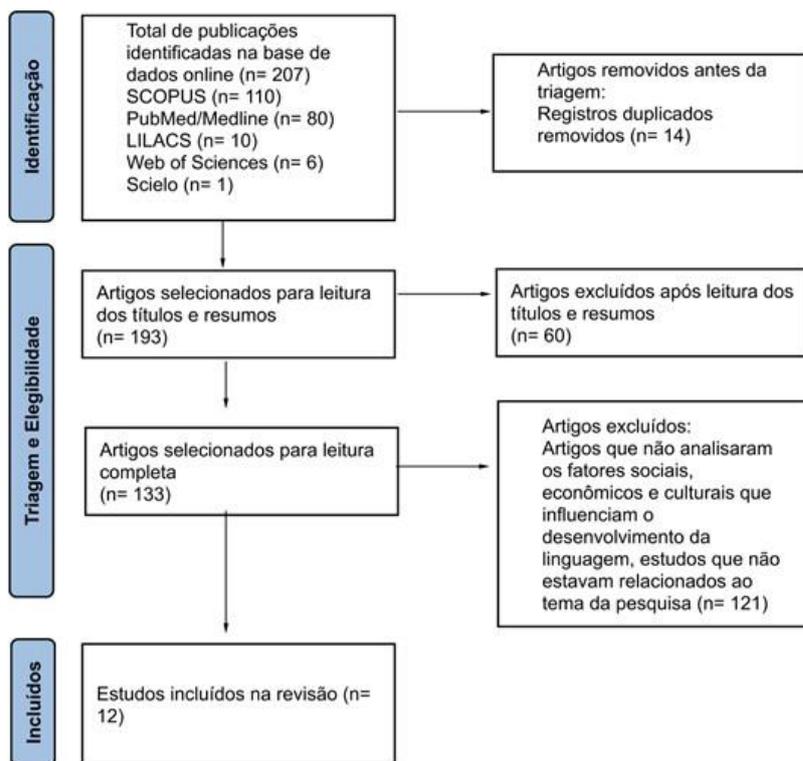
A pergunta da pesquisa foi elaborada com base no acrônimo População, Conceito e Contexto (PCC) e deu-se da seguinte forma: População: Crianças; Conceito: Fatores de risco não-biológicos; Contexto: Desenvolvimento da linguagem oral. Assim, esta revisão teve como pergunta: Quais fatores de risco não-biológicos para o desenvolvimento da linguagem oral em crianças?

Foram selecionados, para este estudo, estudos primários de abordagem quantitativos, qualitativos ou com desenho de método misto que abordaram os aspectos não-biológicos que influenciam no desenvolvimento da linguagem. Não houve restrição quanto ao período de publicação, idiomas ou país de origem. Foram excluídos artigos que não estavam disponíveis na íntegra, que abordassem apenas fatores biológicos e que não se relacionavam com a pergunta central de pesquisa. Artigos de revisão, monografias, dissertações, teses, capítulos de livros, cartas, editoriais, comentários e artigos de opinião também foram excluídos.

O levantamento da literatura ocorreu entre abril e maio de 2024, uma estratégia de busca foi realizada a partir da combinação dos Descritores em Ciências da Saúde (Decs) e Medical Subject Headings (MeSH) e palavras-chaves usando os operadores booleanos AND ou OR. As combinações dos descritores e palavras-chaves realizadas nos repositórios SCOPUS, LILACS, PubMed/Medline, Web of Science e Scielo foram adaptadas para cada base de dados utilizada.

Os artigos identificados foram importados para o EndNote Basic para a remoção de duplicatas. Em seguida à seleção dos artigos se procedeu a leitura dos títulos e resumos, seguido pela leitura do texto completo. Essas etapas foram realizadas por pares de forma independente e um terceiro revisor resolveu as divergências. Para isso, foi utilizado o gerenciador de referências Rayyan. A busca eletrônica resultou em 207 artigos disponíveis, sendo incluídos nesta revisão o total de 12 estudos, conforme descrito na Figura 1.

Figura 1: Fluxograma das fases de seleção dos estudos.



Fonte: Elaborado pelas autoras

Os dados dos artigos selecionados foram registrados em uma planilha do Excel por 2 revisores independentes, de modo a garantir a confiabilidade dos resultados. De cada artigo, foram extraídos os seguintes dados: autor(es), ano de publicação, país (quando brasileiros - estado e cidade), metodologia de estudo, e aspectos não-biológicos que influenciam no desenvolvimento da linguagem. Tais dados foram sintetizados e descritos narrativamente, sendo apresentados em quadros que agruparam os resultados extraídos.

REVISÃO DE LITERATURA

Quadro 1: Caracterização dos artigos selecionados segundo os descritores

AUTOR (ANO)	PARTICIPANTES DO ESTUDO	FATORES NÃO BIOLÓGICOS
País		
Hammer et al. ¹⁰ (2001)	Estudo quantitativo transversal, no qual responsáveis por 1.057 crianças com idade média de 6 anos responderam um questionário de 65 itens (Tomblin et al.) sobre características predisponentes de saúde familiar, educação, emprego, métodos e estilo de interação e	O comportamento parental mais rígido na fase pré-escolar e poucas atividades de leitura/contação de história e conversação sobre sentimentos e atividades diárias são fatores de riscos para o desenvolvimento das habilidades linguísticas.
Estados Unidos		
International		

Journal of Language and Communication Disorders	comportamentos parentais gerais.	
Crunelle, Normand, Delfosse ¹⁷ (2003) França Folia Phoniatrica et logopaedica	Estudo quantitativo longitudinal do qual participaram 50 crianças nascidas prematuramente e sem alterações cognitivas, neurológicas e sensoriais. Os participantes foram acompanhados dos 2 aos 7 anos de idade. o desempenho intelectual geral das crianças foi avaliado por meio dos instrumentos Brunet-Lézine (1951), Mac Carthy (1976), e Wechsler revisado (1961), de acordo com a idade das crianças. O desenvolvimento da linguagem foi avaliado em termos de produção aos 2 anos, 3 anos e meio e 5 anos, de acordo com o procedimento proposto por Le Normand. Aos 7 anos e meio as habilidades de leitura analisadas pelas habilidades metafonológicas foram avaliadas pela Nova Prova de Exame de Linguagem [25] e compreensão de leitura usando os testes de Khomsi.	O ambiente socioeconômico e sociocultural desfavorável contribui para a inclusão escolar tardia das crianças e conseqüentemente no desenvolvimento linguístico.

<p>Horwitz et al.¹¹ (2003)</p> <p>Estados Unidos</p> <p>Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry</p>	<p>Estudo quantitativo, realizado com os responsáveis por 1.189 crianças, que responderam sobre a situação sociodemográfica da sua família, avaliaram a sua própria saúde física atual e de seus filhos em uma escala de 5 pontos de saúde "ruim" a saúde "excelente", indicaram se a criança já havia sido diagnosticada com algum problema de desenvolvimento. Responderam aos seguintes instrumentos: Avaliação Social e Emocional Infantil-Toddler (ITSEA), questionário Competência Socioemocional, Index Short Form (PSI/F) - para avaliar o estresse parental, avaliaram quatro questões em uma escala do tipo Likert de 5 pontos referentes à preocupação com o desenvolvimento social, desenvolvimento emocional, comportamento e linguagem de seus filhos, Inventário de Depressão (CES-D), Escala de Ambiente Familiar (FES) - para avaliar a expressividade e o conflito na família</p>	<p>As crianças têm maior probabilidade de sofrer atrasos se vierem de ambientes caracterizados por baixa escolaridade, baixa expressividade, pobreza e elevados níveis de estresse parental.</p>
<p>Schirmer, Portuguez, Nunes¹⁶ (2006)</p> <p>Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil</p> <p>Arquivos de neuro-psiquiatria</p>	<p>Participaram 69 crianças de ambos os sexos, que estiveram internadas na Unidade de Terapia Intensiva quando recém-nascidos e que participaram do acompanhamento ambulatorial até os 3 anos de idade. Foram avaliados a linguagem receptiva e expressiva e aplicados os testes de Denver II e Bayley II.</p>	<p>O baixo nível socioeconômico da mãe implica na pouca estimulação linguística e influencia negativamente no desenvolvimento da linguagem das crianças.</p>

<p>Sylvestre, Mérette¹⁵</p> <p>(2010)</p> <p>CanadáChild Abuse and Neglect</p>	<p>Estudo quantitativo, do qual 68 crianças gravemente negligenciadas e suas mães participaram. As crianças tinham entre 2 e 36 meses de idade. Os dados incluíram informações sobre o desenvolvimento da linguagem da criança e fatores de risco biológicos, psicológicos e ambientais.</p>	<p>A negligência grave, a presença de depressão na mãe, o fraco nível de aceitabilidade da mãe em relação à criança e o histórico da mãe acerca do abuso físico/emocional tendem a estar mais intimamente relacionados ao risco de atraso de linguagem.</p>
<p>Reilly et al.¹³</p> <p>(2010)</p> <p>Austrália</p> <p>Pediatrics</p>	<p>Os sujeitos da pesquisa foram 1.910 bebês recrutados aos 8 meses em Melbourne, Austrália.</p>	<p>As desvantagens socioeconômicas e baixos níveis de escolaridade maternos estão associados aos atrasos de linguagem infantil e insucesso acadêmico.</p>
<p>Christensen et al.¹⁸</p> <p>(2014)</p> <p>Alemanha</p> <p>PLoS ONE</p>	<p>A amostra do estudo foi com 3.847 crianças que participaram do Estudo Longitudinal de Crianças Australianas (LSAC) .</p>	<p>O fator de risco substancial para atraso no vocabulário receptivo dos 4 aos 8 anos foi, baixa escolaridade materna. Os fatores de risco moderados, em ordem decrescente de magnitude, foram baixa consistência parental materna e desvantagem na área socioeconômica.</p>
<p>Korpilahti, Kaljonenb, Jansson-Verkasalo¹⁹</p> <p>(2016)</p> <p>Finlândia</p> <p>Infant behavior & development</p>	<p>A população do estudo foi extraída de um estudo de coorte finlandês, no total 226 crianças participaram de avaliações linguísticas aos 36 meses.</p>	<p>O status socioeconômico baixo e a extensa jornada de trabalho do pai previram significativamente o atraso de linguagem das crianças.</p>

<p>Hammer et al.¹² (2017)</p> <p>Estados Unidos</p> <p>Journal of speech, language, and hearing research: JSLHR</p>	<p>Participaram da pesquisa amostra populacional de 9.600 crianças. Os dados foram coletados quando as crianças tinham 9, 24, 48 e 60 meses de idade. Foi realizado avaliações presenciais do funcionamento cognitivo e comportamental das crianças quando elas tinham 9, 24 e 48 meses de idade. Também foram realizadas entrevistas com as mães das crianças nesses momentos. O comportamento das crianças foi avaliado aos 60 meses de idade pelos professores do jardim de infância.</p>	<p>O atraso na linguagem aos 24 meses foi significativamente associado ao status socioeconômico baixo, parentalidade de baixa qualidade e ficar na creche por menos de 10 horas/semana.</p>
<p>McKean et al.²⁰ (2017)</p> <p>Reino Unido</p> <p>Journal of Child Psychology and Psychiatry and Allied Disciplines</p>	<p>Foram recrutadas 1.910 crianças com idades entre 7,5 e 10 meses. Os pais preencheram questionários no início do estudo, anualmente, de 1 a 7 anos, e depois aos 9 e 11 anos. As avaliações diretas das crianças foram realizadas aos 4, 5, 7 e 11 anos de idade.</p>	<p>Desvantagem social e poucos livros infantis em casa.</p>

<p>Armstrong et al.¹⁴ (2017)</p> <p>Austrália</p> <p>International journal of speech-language pathology</p>	<p>Os participantes (n = 783) selecionados faziam parte do estudo Western Australian Pregnancy Cohort (Raine).</p>	<p>O grupo que apresentou dificuldades de linguagem tinha maior probabilidade de ter pais com ensino secundário incompleto, baixo rendimento familiar e ambiente de alfabetização precoce deficiente.</p>
<p>Wangke et al.²¹ (2021)</p> <p>Indonésia</p> <p>Paediatrica Indonesiana</p>	<p>Participaram 102 crianças de 24 a 36 meses de quatro creches em Manado, Sulawesi do Norte, selecionadas por amostragem aleatória por conglomerados. Os pais foram entrevistados para coletar informações demográficas sobre idade da criança, sexo, presença de irmãos mais velhos, ocupação materna, status socioeconômico, nível educacional da mãe/cuidador, uso de mídia digital, ausência de sessões de leitura de histórias, padrões de amamentação, métodos parentais e ambiente bilíngue. O desenvolvimento da linguagem infantil foi avaliado pelas Escalas Capute.</p>	<p>A análise multivariada revelou dois fatores significativamente associados ao aumento do risco de atraso de linguagem: ausência de leitura de livros de histórias, e bilinguismo.</p>

Os estudos que consideram a influência de aspectos não biológicos no desenvolvimento da linguagem infantil foram publicados entre os anos de 2003 e 2021 e realizados em diversos países. Destacam-se os Estados Unidos (EUA), de onde se originam três dos doze estudos analisados¹⁰⁻¹². Dois estudos advém da Austrália^{13,14} e pesquisas isoladas foram realizadas no Canadá, Brasil, França, Alemanha, Finlândia, Reino Unido e Indonésia¹⁵⁻²¹. Os dados revelam inicialmente que existe a necessidade de realização de pesquisas a respeito do tema em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil, considerando a possibilidade da influência dos contextos socioeconômicos e culturais no desenvolvimento da linguagem.

Todos os estudos caracterizam-se por ser de abordagem quantitativa, realizados a partir da aplicação de questionários e/ou testes com crianças e seus

responsáveis. Ressalta-se, portanto, que têm sido considerados a influência de variáveis quantificáveis no desenvolvimento da linguagem, como o nível socioeconômico, de estresse dos pais, quantidade de materiais educativos, etc. Desta forma, inicialmente, cabe chamar atenção para a natureza subjetiva da linguagem, e da importância de se discutir justamente tal subjetividade. Reconhecer que o desenvolvimento da linguagem é um processo complexo e que envolve a interação de múltiplos fatores, sejam eles biológicos, cognitivos, sociais e culturais, sendo a sua aquisição um processo contínuo e dinâmico, implica na necessidade de uma análise aprofundada e contextualizada do tema, que pode ser realizada a partir de outros desenhos metodológicos.

Não se pretende dizer que existe uma ou outra metodologia de pesquisa melhor ou pior para se discutir o tema, mas que é necessário se olhar o desenvolvimento da linguagem de forma implicada, crítica e contextualizada, ampliando-se o que já parece posto. Assim, sugere-se que a variedade de abordagens metodológicas, mantendo a qualidade e rigor, podem auxiliar a aprofundar e complementar as discussões já existentes, tendo em vista a subjetividade do tema.

Os aspectos não-biológicos que influenciam no desenvolvimento da linguagem descritos nas pesquisas foram agrupados em: aspectos socioculturais, mencionados em nove artigos; aspectos socioeconômicos, que foram abordados em oito estudos e aspectos relacionados à interação, descritos em seis estudos. Duas pesquisas ainda mencionaram aspectos relacionados à saúde mental materna/paterna.

No que se refere aos aspectos socioculturais, na maioria dos estudos os mesmos estão restritos à questões relativas à escolaridade, tanto maternas e/ou paternas, quanto das próprias crianças, como o fato das mesmas permanecerem em instituições de educação infantil por menos de 10 horas semanais ou estar inserido em ambiente de alfabetização precoce deficiente, nas palavras dos autores. A extensa jornada de trabalho paterna também foi citada, assim como a baixa quantidade de livros infantis em casa e/ou a ausência de leitura de livros de histórias.

Na maioria dos estudos, tais aspectos estão relacionados com desvantagens econômicas. As pesquisas que consideram este aspecto, afirmam que crianças que crescem em ambientes de baixa renda frequentemente enfrentam uma série de desafios que podem atrasar ou comprometer a aquisição de habilidades linguísticas. Já em relação às questões relativas à interação, é possível perceber que, nos estudos analisados, as mesmas podem estar relacionados com características parentais. Nesta esteira, os estudos apontam que crianças filhas de pais que apresentam comportamento mais rígidos ou que sofrem negligência grave, por exemplo, tendem a apresentar atraso no desenvolvimento da linguagem. Isto porque estas situações acabam resultando em interações reduzidas, tanto no sentido quantitativo quanto no qualitativo.

Na atualidade, a vulnerabilidade social é um tema bastante discutido, uma vez que se trata de um conceito que abrange uma série de fatores que colocam determinados grupos em situações de risco e desvantagem. Considera-se ainda que a participação de crianças em contextos de interação significativos, bem como sua inserção em práticas sociais de leitura e escrita, considerando ainda o entorno do letramento familiar, são extremamente importantes para que a criança desenvolva uma relação positiva com a linguagem²². Esses dados atestam que os fatores não biológicos colocam determinados grupos em situações de risco e desvantagem. Portanto, é essencial colocar esse tema em pauta, para que políticas de saúde

pública sejam elaboradas e abordem os problemas de linguagem infantil de maneira abrangente, considerando não apenas os aspectos biológicos, mas também os contextos sociais, econômicos e culturais em que as crianças estão inseridas.

Nesse sentido, mais que constatar a influência de fatores não biológicos no desenvolvimento da linguagem oral, os dados encontrados nos levam à reflexão a respeito de práticas que podem ser realizadas para minimizar tais prejuízos, principalmente em países em desenvolvimento. Nestes países, ou ainda, em situações de baixo nível socioeconômico, nos quais as crianças estão expostas a diversas vulnerabilidades, as instituições de ensino podem representar uma possibilidade de redução de tais desigualdades. Ressalta-se no entanto, que não se trata de desconsiderar ou substituir a necessidade de trocas significativas nos demais contextos em que a criança está inserida.

O ponto de partida para isto parece ser a negação dos dados enquanto sentença, e o olhar para os mesmos com a perspectiva de transformação. Se é unanimidade que o nível socioeconômico exerce forte influência no desenvolvimento da linguagem, e está relacionado ainda a outros fatores que podem prejudicá-lo, os profissionais que atuam em tais realidades precisam, a partir das singularidades encontradas, propor ações efetivas de transformação.

No que tange ao trabalho com a linguagem oral, enfatiza-se a necessidade de colocar o foco em seu uso social, em detrimento do trabalho centrado exclusivamente no desenvolvimento de competências²³. Nesse sentido, os centros de educação infantil podem representar um terreno fértil para atuação de fonoaudiólogos e outros profissionais da saúde e da educação que mais investigar as faltas e falhas nas competências linguísticas das crianças, a partir de testes e avaliações padronizadas, estejam dispostos a lançar mão de ações colaborativas e significativas para o desenvolvimento da linguagem.

É preciso, portanto, que os instrumentos e técnicas de avaliação ou investigação utilizados nesse contexto, para além dos aspectos generalizáveis, sejam capazes de analisar as singularidades de cada contexto, e mais que isso, apontar soluções tangíveis. No contrário, se estará sempre e apenas perpetuando e reproduzindo dados que, apesar de sua inegável importância, não têm sido utilizados como balizadores para as práticas realizadas.

CONCLUSÃO

A falta de pesquisas sobre os fatores não biológicos que afetam o desenvolvimento da linguagem infantil evidencia uma importante lacuna na compreensão abrangente dessas influências na aquisição e no desenvolvimento da linguagem oral. Apesar da atenção considerável voltada para os aspectos biológicos e genéticos do desenvolvimento da linguagem, fatores como o ambiente social, as dinâmicas familiares e o status socioeconômico ainda são frequentemente negligenciados.

No entanto, é incontestável que esses fatores não biológicos podem ter um impacto significativo no desenvolvimento da linguagem, como mostram estudos que relacionam a vulnerabilidade social, condições de baixa renda, pouca escolaridade dos responsáveis e o contexto familiar às dificuldades linguísticas.

REFERÊNCIAS

1. Oliveira LF de, Corrêa C de C, Maximino LP. Checklist de fatores de risco para a linguagem oral e avaliação fonoaudiológica [Internet]. *Revista Neurociencias*. 2023; Available from: <https://doi.org/10.34024/rnc.2023.v31.14639>
2. Rudolph JM. Case history risk factors for specific language impairment: a systematic review and meta-analysis. *Am J Speech Lang Pathol* 2017; 26:991-1010. Available from: https://doi.org/10.1044/2016_AJSLP-15-0181
3. Harrison LJ, McLeod S. Risk and protective factors associated with speech and language impairment in a nationally representative sample of 4 to 5 year old children. *J Speech Lang Hear Res* 2010;53:508-29. Available from: [https://doi.org/10.1044/1092-4388\(2009/08-0086\)](https://doi.org/10.1044/1092-4388(2009/08-0086))
4. Peters M, Godfrey C, McInerney P, Munn Z, Trico A, Khalil H. Chapter 11: Scoping Reviews. In: Aromataris E, Munn Z, editors. *JBI Manual for Evidence Synthesis* [Internet]. Australia: JBI; 2020. Available from: <https://wiki.jbi.global/display/MANUAL/Chapter+11%3A+Scoping+reviews>
5. Sheridan S, Gjems L. Preschool as an arena for developing teacher knowledge concerning children's language learning. *Early Childhood Educ J*. 2017;45(3):347-57. Available from: <https://doi.org/10.1007/s10643-015-0756-8>
6. Bakhtin M. *Estética da criação verbal*. 4th ed. São Paulo: Martins Fontes; 2003. ISBN 85-336-1807-7.
7. Massi GAA, Gregolin R. Reflexões sobre o processo da aquisição de escrita e a dislexia. *Rev Letras*. 2005;65:153-71.
8. Tricco AC, Lillie E, Zarin W, O'Brien KK, Colquhoun H, Levac D, et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Ann Intern Med* [Internet]. 2018 Oct;169(7):467-73. Available from: <http://annals.org/article.aspx?doi=10.7326/M18-0850>
9. Horwitz SM, Irwin JR, Briggs-Gowan MJ, Bosson Heenan JM, Mendoza J, Carter AS. Language delay in a community cohort of young children. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2003 Aug;42(8):932-40. Available from: <https://doi.org/10.1097/01.CHI.0000046889.27264.5E>
10. Hammer CS, Tomblin JB, Zhang X, Weiss AL. Relationship between parenting behaviours and specific language impairment in children. *Int J Lang Commun Disord*. 2001 Apr-Jun;36(2):185-205. Available from: <https://doi.org/10.1080/13682820010019919>
11. Horwitz SM, Irwin JR, Briggs-Gowan MJ, Bosson Heenan JM, Mendoza J, Carter AS. Language delay in a community cohort of young children. *J Am Acad Child Adolesc Psychiatry*. 2003 Aug;42(8):932-40. Available from: <https://doi.org/10.1097/01.CHI.0000046889.27264.5E>
12. Hammer CS, Morgan P, Farkas G, Hillemeier M, Bitetti D, Maczuga S. Late Talkers: A Population-Based Study of Risk Factors and School Readiness Consequences. *J Speech Lang Hear Res*. 2017 Mar 1;60(3):607-626. doi: 10.1044/2016_JSLHR-L-15-0417. PMID: 28257586; PMCID: PMC5962923.
13. Reilly S, Wake M, Ukoumunne OC, Bavin E, Prior M, Cini E, Conway L, Eadie P, Bretherton L. Predicting language outcomes at 4 years of age: findings from Early Language in Victoria Study. *Pediatrics*. 2010 Dec;126(6):e1530-7. Available from: <https://doi.org/10.1542/peds.2010-0254>
14. Armstrong R, Scott JG, Whitehouse AJO, Copland DA, McMahon KL, Arnott W. Late talkers and later language outcomes: Predicting the different language trajectories. *Int J Speech Lang Pathol*. 2017 Jun;19(3):237-250. Available from:

- <https://doi.org/10.1080/17549507.2017.1296191>
15. Sylvestre A, Mérette C. Language delay in severely neglected children: a cumulative or specific effect of risk factors? *Child Abuse Negl.* 2010 Jun;34(6):414-28. Epub 2010 Apr 22. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2009.10.003>
 16. Schirmer CR, Portuguesez MW, Nunes ML. Clinical assessment of language development in children at age 3 years that were born preterm. *Arq Neuro-Psiquiatr* [Internet]. 2006 Dec;64(4):926-31. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0004-282X2006000600007>
 17. Crunelle D, Normand M-T, Delfosse M-J. Oral and written language production in premature children: results in 7 1/2-year-old. *Folia Phoniatr Logop.* 2003;55(3):115-27. Available from: <https://doi.org/10.1159/000070723>
 18. Christensen D, Zubrick SR, Lawrence D, Mitrou F, Taylor CL. Risk factors for low receptive vocabulary abilities in the preschool and early school years in the longitudinal study of Australian children. *PLoS One.* 2014 Jul 2;9(7):e101476. Available from: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0101476>
 19. Korpilahti P, Kaljonen A, Jansson-Verkasalo E. Identification of biological and environmental risk factors for language delay: The Let's Talk STEPS study. *Infant Behav Dev.* 2016 Feb;42:27-35. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2015.08.008>
 20. McKean C, Wraith D, Eadie P, Cook F, Mensah F, Reilly S. Subgroups in language trajectories from 4 to 11 years: the nature and predictors of stable, improving and decreasing language trajectory groups. *J Child Psychol Psychiatry.* 2017 Oct;58(10):1081-1091. Available from: https://doi.org/10.1044/2016_JSLHR-L-15-04170.1111/jcpp.12790
 21. Wangke L, Victory W, Joey G, Rampengan N, Lestari H. External risk factors associated with language disorders in children. Available from: <https://doi.org/10.14238/pi61.3.2021.133-40>
 22. Signor R de CF, Vieira SK, Berberian AP, Santana AP. Distúrbio de processamento auditivo x dificuldade de leitura e escrita: há uma relação?. *Rev bras linguist apl* [Internet]. 2018 Jul;18(3):581-607. Available from: <https://doi.org/10.1590/1984-6398201813079>
 23. Oliveira LF de, Lima ILB, Bortolozzi KB. Os efeitos de práticas e discursos no processo educacional de um sujeito com suposta dificuldade de leitura e escrita. *Rev. Ibe. Est. Ed.* [Internet]. 1º de dezembro de 2020 [citado 20º de agosto de 2024];15(esp5):3038-55. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/14573>

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação contribuiu de forma significativa para o entendimento dos fatores que influenciam o desenvolvimento da linguagem oral na primeira infância. O primeiro artigo evidenciou a prevalência considerável de queixas nessa área, destacando a importância de uma atenção especializada desde os primeiros anos de vida. Já o segundo artigo ampliou essa análise, ao identificar que fatores não-biológicos têm um papel determinante na aquisição e no desenvolvimento da linguagem oral entre pré-escolares, ressaltando a necessidade de pesquisas mais aprofundadas para compreender melhor essas influências e suas implicações.

Assim, o estudo reafirma a importância de uma abordagem multidimensional no acompanhamento do desenvolvimento infantil, reconhecendo tanto os fatores biológicos quanto os contextuais como fundamentais para o progresso adequado da linguagem.

6 IMPACTO SOCIAL

Ambos os artigos contribuem de forma significativa para impulsionar o avanço de novas pesquisas sobre os aspectos que influenciam o desenvolvimento da linguagem. Ademais, os achados de ambos os artigos irão aprimorar o olhar e o cuidado clínico, frente aos fatores de riscos que podem comprometer o processo aquisitivo e de desenvolvimento da linguagem oral das crianças.

No âmbito das políticas públicas, pesquisas como essas, que suscitam reflexões no contexto social, econômico e cultural, revelando as disparidades presentes nos diferentes contextos supracitados, acabam condicionando discussões essenciais para a formulação de políticas públicas voltadas para a promoção da saúde, em especial ao desenvolvimento linguístico das crianças.

No que tange os aspectos informacionais, esta pesquisa pode aumentar a conscientização sobre a importância de conhecer e identificar os fatores de riscos que podem ocasionar eventuais dificuldades em várias esferas do desenvolvimento infantil. Os resultados da pesquisa podem, ainda, ser incorporados à formação de profissionais da saúde, educação e áreas afins, capacitando-os para identificar, avaliar e apoiar crianças com dificuldades na linguagem de maneira mais eficaz. E, em última análise, o impacto social dessa pesquisa pode ser muito positivo, ajudando a melhorar a vida de crianças e famílias, promovendo a igualdade de oportunidades e contribuindo para uma sociedade mais inclusiva e informada sobre a importância do desenvolvimento da linguagem na primeira infância.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BETTIO, C. D. B.; BAZON, M. R.; SCHMIDT, A. Fatores de risco e de proteção para atrasos no desenvolvimento da linguagem. **Psicologia em Estudo**, v. 24, p. e41889, 2019.
- BISSOLI, M. F. Desenvolvimento da personalidade da criança: o papel da educação infantil. **Psicologia em Estudo**, v. 19, n. 4, p. 587–597, out. 2014.
- BRANCALIONI, A. R. et al. Desempenho do vocabulário expressivo de pré-escolares de 4 a 5 anos da rede pública e particular de ensino. **Audiology - Communication Research**, v. 23, p. 18-36, 2018.
- CARMO, M. E.; GUIZARDI, F. L. O conceito de vulnerabilidade e seus sentidos para as políticas públicas de saúde e assistência social. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, n. 3, p. e00101417, 2018.
- DIAS, D. C.; RONDON-MELO, S.; MOLINI-AVEJONAS, D. R. Sensitivity and specificity of a low-cost screening protocol for identifying children at risk for language disorders. **Clinics**, v. 75, p. 14-26, 2020.
- GONZÁLEZ, L. et al. The role of parental social class, education and unemployment on child cognitive development. **Gac Sanit.** Jan-Feb;34(1): p. 51-60, 2020.
- GURGEL, L. G. et al. Fatores de risco para o desenvolvimento adequado da linguagem oral em crianças: Uma revisão sistemática da literatura. **CoDAS**, 26(5), p. 350-356, 2014.
- KORPILAHTI, P.; KALJONEN, A.; JANSSON-VERKASALO, E. Identification of biological and environmental risk factors for language delay: the Let's Talk STEPS study. **Infant Behavior & Development**. p. 27-35, 2016.
- LEITE, S. S. et al. Construction and validation of an Educational Content Validation Instrument in Health. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, p. 1635-1641, 2018.
- LONGO, I. A. et al. Prevalência de alterações fonoaudiológicas na infância na região oeste de São Paulo. **CoDAS**, v. 29, n. 6, p. e20160036, 2017.
- MASSI, G.; SANTANA, A. P.O. A desconstrução do conceito de dislexia: conflito entre verdades. **Paidéia** (Ribeirão Preto), v. 21, n. 50, p. 403-411, 2011.
- MORETTI, T. C. F.; KUROISHI, R. C. S.; MANDRÁ, P. P. Vocabulário de pré-escolares com desenvolvimento típico de linguagem e variáveis socioeducacionais. **CoDAS**, v. 29, n. 1, p. e20160098, 2017.

- NAZARIO, C. G. et al. Comparison between language assessments in childhood and its relationship to psychic risk. **Distúrb Comum**. 31(1): p.104-18, 2019.
- NOBRE, J. N. P. et al. Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis, **Jornal de Pediatria**, v. 96, n. 3, p. 310-317, 2020.
- NOBRE, J. N. P. et al. Quality of interactive media use in early childhood and child development: a multicriteria analysis, **Jornal de Pediatria**, v. 96, n. 3, p. 310-317, 2020.
- OLIVEIRA, L.; CORREA, C.; MAXIMINO, L. Checklist de fatores de risco para a linguagem oral e avaliação fonoaudiológica. **Revista Neurociências**. 31. 1-15, São Paulo, p. 1-15, 2024.
- OLIVEIRA, L. D.; RAMOS-SOUZA, A. P. The language impairment in two subjects at risk development in an enunciative perspective of the language working. **Rev. CEFAC**;16(5) p. 1700-1712, 2014.
- PANES, A. C. S; CORRÊA, C. C.; WEBER, S. A. T.; MAXIMINO, L. P. Fatores de risco para o desenvolvimento da linguagem. **Journal Health NPEPS**. 3(1) p. 185-197, 2018.
- RAFFAINI, P. T. As meninas são de pano e os meninos são de chumbo? Cultura material e literatura. **Secuencia**, México, p. 177-187, 2018.
- SHERIDAN, S.; GJEMS, L. Preschool as an arena for developing teacher knowledge concerning children's language learning. **Early Childhood Education Journal**, 45(3), p. 347-357, 2017.
- SHORT, K.; EADIE, P.; KEMP, L. Paths to language development in at risk children: a qualitative comparative analysis (QCA). **Bmc Pediatrics**. p. 1-17, 2019.
- SHORT, K.; EADIE, P.; DESCALLAR, J.; KEMP, L. Longitudinal vocabulary development in Australian urban aboriginal children: protective and risk factors. **ChildCare, Health and Development**, 43(6), p. 906-917, 2017.
- SOUZA, A. et al. Desenvolvimento da linguagem infantil e a influência de fatores socioeconômicos e socioculturais. **Research, Society and Development**. p. 1-12., 2023.
- VIGOTSKI, L.S. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. Tradução: Zóia Prestes. **Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais**. ISSN: 1808- 6535 p. 26-36, 2008.
- WERMKE, K.; QUAST, A.; HESSE, V. From melody to words: The role of sex hormones in early language development. **Horm Behav**. p.206-215, 2018.

ZERBETO, A. B.; CORTELO, F. M.; CARVALHO FILHO, E. B. C. Associação entre idade gestacional e peso ao nascimento no desenvolvimento linguístico de crianças brasileiras: revisão sistemática. **Jornal de Pediatria**, 91, p. 326-332, 2014

ANEXO A – NORMAS PARA AUTORES REVISTA CEFAC

ARTIGOS ORIGINAIS DE PESQUISA:

São trabalhos destinados à divulgação de resultados inéditos de pesquisa científica, de natureza quantitativa ou qualitativa. Sua estrutura formal deve apresentar os tópicos: Introdução (Introduction), Métodos (Methods), Resultados (Results), Discussão (Discussion), Conclusão (Conclusion) e Referências (References). Máximo de 40 referências constituídas de 70% de artigos publicados em periódicos da literatura nacional e internacional, sendo estes preferencialmente dos últimos 5 anos. Em caso de necessidade de maior quantidade de referências, os editores poderão ser consultados. É recomendado: uso de subtítulos, menção de implicações clínicas e limitações do estudo, particularmente na discussão do artigo. Sugere-se o detalhamento do tópico “Métodos”, informando, quando apropriado, a aprovação do Comitê de Ética e o número do processo, o número de registro do protocolo utilizado (para Ensaios Clínicos), o desenho do estudo, local onde foi realizado, participantes, intervenção e desfechos clínicos de interesse. O resumo deve ser estruturado com 200 palavras no máximo e conter os tópicos: Objetivo (Purpose), Métodos (Methods), Resultados (Results) e Conclusão (Conclusion).

ANEXO B – NORMAS PARA AUTORES REVISTA CEFAC

ARTIGOS DE REVISÃO DE LITERATURA:

Revisões da literatura sistemáticas, integrativas ou de escopo, sobre assunto de interesse científico da área da Fonoaudiologia e afins, desde que tragam novos esclarecimentos sobre o tema, apontem prioridades e limites do conhecimento acerca do assunto, despertem novas discussões ou indiquem caminhos a serem pesquisados e auxiliem na tomada de decisão clínica. Outras categorias de revisões de literatura serão aceitas a critério dos editores, sendo necessária consulta prévia pelos autores. Sua estrutura formal deve apresentar os tópicos: Introdução (Introduction) que justifique o tema de revisão incluindo a pergunta clínica e o objetivo; Métodos (Methods) contendo informação quanto ao protocolo/registo do trabalho em base de dados criadas para esta finalidade (como PROSPERO e Open Science Framework), apresentando os critérios de elegibilidade, a estratégia PICO ou PCC ou a adaptação dos acrônimos, os critérios de inclusão e exclusão, as bases de dados consultadas, as estratégias de busca dos estudos, incluindo a busca manual, o processo detalhado realizado na coleta dos dados, apresentando como foi realizada a avaliação de qualidade dos estudos e riscos de viés quando pertinente, descrevendo o método de análise dos dados e pontuando claramente os desfechos estudados e, quando presente, o método utilizado para a realização da meta-análise deve estar descrito; Revisão da Literatura (Literature Review) deve conter o fluxograma, a sumarização dos dados qualitativos e quantitativos, os resultados da meta-análise com forest plot, se aplicável; e, quando pertinentes, o resultado dos riscos de viés, a qualidade metodológica e análise de risco dos estudos incluídos na Revisão e apresentar a discussão dos resultados encontrados; Conclusão (Conclusion) deve responder objetivamente a pergunta do estudo; Referências (References). Máximo de 40 referências de artigos publicados em periódicos da literatura nacional e internacional. Em caso de necessidade de maior quantidade de referências, os editores poderão ser consultados. O resumo deve conter no máximo 200 palavras e apresentar os tópicos: Objetivo (Purpose); Métodos (Methods); Revisão da Literatura (Literature Review); e Conclusão (Conclusion). Serão preferidos artigos de revisão sistemática com registro na PROSPERO (<https://www.crd.york.ac.uk/prospero/>).

Sugere-se que a escrita das Revisões Sistemáticas siga o checklist PRISMA –

([Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses](#)) e das Revisões de Escopo siga o checklist do PRISMA-ScR ([Preferred Items for Systematic reviews and Meta-Analyses extension for Scoping Reviews](#)).

Protocolos de revisões de literatura serão aceitos na categoria de artigos de revisão de literatura. Serão aceitos artigos de protocolo de revisões de literatura apenas nos casos em que não tenha sido iniciada a fase de extração de dados. Os protocolos deverão conter os tópicos Introdução (Introduction), com a pergunta de pesquisa, hipótese e os objetivos; Métodos (Methods) contendo a descrição do PICO ou PCC utilizado, critérios de elegibilidade, fontes de informação, estratégia de busca, seleção e extração de dados, desfechos, avaliação de risco de viés, síntese de dados, metanálise (se aplicável) e avaliação da certeza da evidência; Discussão (Discussion), contendo a relevância da revisão proposta, pontos fracos e fortes; e Considerações Finais (Final Considerations). Os protocolos de revisões de literatura registrados em outras plataformas deverão relatar na metodologia o número de registro. Os protocolos de revisão sistemática deverão contemplar todos os itens e vir acompanhados do check-list do PRISMA-P (Preferred Reporting Items for Systematic review and Meta-Analysis Protocols). O resumo deve ser estruturado com 200 palavras no máximo e conter os tópicos: Objetivo (Purpose), Métodos (Methods) e Considerações Finais (Final Considerations).